

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VINCULAÇÃO DO ADULTO E ENVOLVIMENTO PATERNO EM HOMENS COM
FILHOS EM IDADE ESCOLAR**

Rafaela Alexandra Policarpo da Rosa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VINCULAÇÃO DO ADULTO E ENVOLVIMENTO PATERNO EM HOMENS COM
FILHOS EM IDADE ESCOLAR**

Rafaela Alexandra Policarpo da Rosa

Dissertação Orientada pela Prof.^a Doutora Salomé Vieira Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2013

Agradecimentos

A Dissertação de Mestrado, uma fantasia distante durante tantos anos, tornou-se, por fim, real na conclusão de cinco preenchidos anos de aprendizagens, experiências, alegrias e angústias. A sua realização contou com o apoio de várias pessoas, a quem agradeço sinceramente e sem as quais não teria sido possível.

À Professora Doutora Salomé Vieira Santos, por toda a disponibilidade e ajuda. Pela partilha de conhecimento e pela acessibilidade sempre demonstrada. Pela compreensão, pelo rigor, pelo exemplo, o meu maior obrigado.

Aos pais que aceitaram participar no estudo, pelo tempo e disponibilidade necessários.

Aos meus pais e irmão que, neste ano difícil, estiveram sempre comigo.

Ao Hugo, pelo apoio constante. Por estar comigo, nos momentos bons e nos menos bons.

À Ana, à Bárbara e à Maria, pela amizade. Pela companhia, companheirismo, carinho e apoio demonstrados ao longo de todo este percurso e, em especial, ao longo do último ano.

Resumo

A presente investigação, no âmbito da paternidade, tem os seguintes objectivos: (1) caracterizar a vinculação do adulto e o envolvimento paterno num grupo de homens com filhos em idade escolar; (2) determinar se a vinculação prediz o envolvimento paterno; (3) analisar a relação das dimensões em estudo quer com variáveis sociodemográficas do pai e da criança, quer com variáveis da relação com a companheira (Satisfação) e com a criança (Proximidade). Foi utilizada a Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1997) e a Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b), utilizando-se ainda uma Entrevista de Recolha de Dados para a obtenção da informação sociodemográfica e relacional. Os participantes ($N = 94$) tinham idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos ($M = 40.34$; $DP = 5.56$) e eram pais de crianças em idade escolar (5-10 anos). Os resultados mostraram que os pais da amostra estudada obtiveram resultados significativamente mais elevados na subescala Ansiedade (vinculação) e valores significativamente mais baixos na subescala Cuidados (envolvimento paterno) face aos alcançados com as amostras do estudo dos respectivos instrumentos. Verificou-se que a vinculação (subescala Confiança nos Outros) tem um contributo significativo na predição do envolvimento paterno (subescala Cuidados), mas este contributo é baixo. Observaram-se, ainda, associações significativas de variáveis sociodemográficas do pai e da criança com domínios da vinculação e do envolvimento paterno, salientando-se igualmente que os Cuidados se associam positivamente com a Satisfação na relação com a companheira e com a Proximidade na relação com a criança. Os resultados são discutidos tendo em consideração a literatura disponível sobre as dimensões analisadas.

Palavras-Chave: Vinculação do Adulto; Envolvimento Paterno; Pais; Idade Escolar

Abstract

The aims of the present study on fatherhood are as follows: (1) to characterize adult attachment and father involvement in a group of men with school-aged children; (2) to determine whether attachment predicts father involvement; (3) to analyze the relationship between the dimensions under study and father and child socio-demographic variables, as well as with variables related to the relationship with the partner (Satisfaction) and the child (Proximity). The Adult Attachment Scale - Portuguese adaptation (Canavarro, 1997) and the Paternal Involvement Scale (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) were used and a further Interview for obtaining socio-demographic and relational information was conducted. The participants ($N = 94$), aged between 25 and 55 years old ($M = 40.34$; $DP = 5.56$), were fathers of school-aged children (5-10 years old). The results showed that fathers from the studied sample obtained significantly higher results in the Anxiety subscale (attachment) and significantly lower results in the Care subscale (father involvement) when compared with the samples of the study of the respective instruments. Attachment (Depend subscale) was found to significantly contribute to the prediction of father involvement (Care subscale), although this contribution was low. Significant associations between father and child socio-demographic variables and attachment and father involvement dimensions were also observed. A positive association between the Care subscale and both Satisfaction with partner and Proximity with the child was also verified. The results are discussed in light of the available literature on the analyzed dimensions.

Key-words: Adult Attachment; Father Involvement; Fathers; School-Aged Children

Índice

Introdução.....	1
 Capítulo 1: Enquadramento Teórico	3
1.1 Vinculação.....	3
1.1.1 Teoria da Vinculação: Conceitos Básicos.....	3
1.1.2 Vinculação do Adulto.....	7
1.2 Paternidade e Envolvimento Paterno.....	10
1.2.1 Paternidade: Aspectos Históricos e Conceptuais.....	10
1.2.2 Envolvimento Paterno: Definição e Conceptualização.....	14
1.2.3 Variáveis que Influenciam o Envolvimento Paterno.....	17
1.3 Vinculação do Adulto e Envolvimento Paterno.....	21
 Capítulo 2: Objectivos e Hipóteses.....	25
2.1 Objectivos.....	25
2.2 Hipóteses.....	26
 Capítulo 3: Método.....	27
3.1 Participantes.....	27
3.2 Instrumentos.....	29
3.2.1 Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	29
3.2.2 Escala de Envolvimento Paterno (EEP).....	30
3.2.3 Entrevista de Recolha de Dados.....	30

3.3 Procedimento.....	31
3.4 Procedimento Estatístico.....	32
Capítulo 4: Resultados.....	33
4.1 Caracterização da Vinculação do Adulto e do Envolvimento	
Paterno.....	33
4.2 Predição do Envolvimento Paterno com Base na Vinculação do	
Adulto.....	35
4.3 Relação da Vinculação do Adulto e do Envolvimento Paterno com	
Variáveis Sociodemográficas e com Variáveis Relacionais (Satisfação	
com a Companheira e Proximidade com a Criança).....	37
Capítulo 5: Discussão.....	40
Capítulo 6: Conclusão.....	46
Referências	49

Anexo – Email Enviado ao Agrupamento de Escolas

Índice de Quadros

Quadro 1 – Nível de Instrução dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%).....	27
Quadro 2 – Grupo Profissional dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%).....	28
Quadro 3 – Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)	28
Quadro 4 – Sexo da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%).....	29
Quadro 5 – Vinculação e Envolvimento Paterno – Comparação com as Amostras do Estudo dos Instrumentos.....	33
Quadro 6 – Distribuição dos Participantes pelos Estilos de Vinculação.....	34
Quadro 7 – Predição do Envolvimento Paterno com Base na Vinculação.....	36
Quadro 8 – Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas do Pai.....	37
Quadro 9 – Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança.....	38
Quadro 10 – Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com a Satisfação na Relação com a Companheira e com a Proximidade na Relação com a Criança.....	39

Introdução

O presente trabalho visa o estudo da vinculação do adulto e do envolvimento paterno numa amostra de homens com filhos em idade escolar.

A escolha do tema em questão deve-se, primeiramente, ao interesse pelo estudo da paternidade, e em particular pelo envolvimento do pai nos cuidados e educação da criança, área cuja pesquisa tem vindo a aumentar, acompanhando as mudanças quer sociais, quer dos papéis de género, ambas em expansão nas últimas décadas. Se, tradicionalmente, foi dada ênfase, e precedência, à investigação sobre a maternidade e a relação mãe-criança, é hoje cada vez mais reconhecida e valorizada a importância da relação pai-criança e das suas consequências no desenvolvimento da criança.

Com início na década de 70, o interesse pela paternidade tem sido crescente, designadamente no que se refere ao envolvimento paterno, com um aumento significativo do conhecimento que lhe está associado. A investigação em Portugal, ainda que mais tardia do que noutros países, não foi imune ao reconhecimento da importância do papel do pai e às mudanças nele ocorridas, existindo um aumento significativo no número de estudos que aborda o envolvimento do pai na vida dos filhos. Não obstante, é escassa a investigação que relaciona a vinculação do adulto ao envolvimento paterno, tendo tal facto sido relevante para a escolha da temática específica deste trabalho. A importância das representações mentais do adulto na forma como este se envolve e participa na vida da criança mostra-se de extrema relevância, visando este trabalho contribuir para o aumento do conhecimento da relação entre as duas dimensões, em pais de crianças numa etapa específica do desenvolvimento – a idade escolar.

A vinculação tem associado a si um sólido corpo de conhecimentos e uma vasta investigação, sendo hoje indiscutível o contributo dos seus impulsionadores, Bowlby (1973, 1980, 1982/1969) e Ainsworth (1989, 1991). Segundo Bowlby (1982/1969), a teoria da vinculação conceptualiza a necessidade inerente ao ser humano de formar laços afectivos próximos, permanecendo o sistema de vinculação activo durante toda a vida do indivíduo, e influenciando, por isso, as relações que ele estabelece na idade adulta. A cada novo relacionamento, o indivíduo traz consigo um historial único de experiências, memórias e expectativas (Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004), sendo as representações internas que se consolidaram durante a infância utilizadas como guias na interpretação das experiências e na orientação dos comportamentos de vinculação (Soares, 2009). As representações do indivíduo actualizam-se pela assimilação de nova informação (Bowlby, 1988), através de

inúmeras experiências, relações e contextos que as modelam (ver Mikulincer & Shaver, 2007).

O envolvimento paterno, por sua vez, é um conceito em constante evolução que se caracteriza pela sua multidimensionalidade (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999). Ele é frequentemente definido com base em três componentes identificados por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987) – a interação, a disponibilidade e a responsabilidade – existindo, no entanto, diversas definições de envolvimento paterno a que se associa também diversidade de conceptualizações. As variáveis que influenciam este envolvimento continuam a ser alvo de estudo.

Considera-se, de uma forma mais lata, que a investigação relativa à influência da vinculação na parentalidade se encontra ainda no início (Berlin, Cassidy, & Appleyard, 2008). O presente estudo pretende, pois, contribuir para alargar o conhecimento sobre as relações entre vinculação e parentalidade, em particular entre vinculação do adulto e envolvimento paterno. Para além do estudo desta relação, na presente pesquisa exploram-se ainda as relações das dimensões em análise com variáveis sociodemográficas do pai e da criança, e com variáveis relacionais (satisfação na relação com a companheira e proximidade com a criança), configurando-se, portanto, como objectivos adicionais.

O trabalho apresentado está organizado em seis pontos. Inicialmente, é realizada uma revisão da literatura referente à vinculação, paternidade e envolvimento paterno (ponto 1), começando por se incidir em aspectos conceptuais da teoria da vinculação e focando-se depois de uma forma específica a vinculação do adulto. Abordam-se ainda aspectos históricos e conceptuais relativos à paternidade, com um foco depois mais incisivo e aprofundado no envolvimento paterno (perspectiva conceptual e empírica). A última parte do enquadramento teórico remete para a parca literatura empírica que relaciona a vinculação e o envolvimento paterno.

No segundo ponto são apresentados os objectivos definidos (gerais e específicos) e as hipóteses formuladas para a presente investigação.

No terceiro ponto é descrito o método, incluindo a caracterização dos participantes no estudo, dos instrumentos, do procedimento e, ainda, dos procedimentos estatísticos utilizados.

Em seguida são apresentados os resultados obtidos (ponto 4) e a correspondente discussão dos mesmos, com base na literatura existente (ponto 5). Por fim, são elaboradas as conclusões do estudo, onde se incluem, também, limitações e sugestões para futura investigação (ponto 6).

CAPÍTULO 1: Enquadramento Teórico

1.1 Vinculação

1.1.1 Teoria da Vinculação: Conceitos Básicos

A teoria da vinculação, primeiramente desenvolvida por Bowlby (e.g., 1973, 1980, 1982/1969), tem por base a necessidade humana, universal, do indivíduo estabelecer ligações afectivas de proximidade, com um cuidador, com o objectivo de garantir segurança que lhe permita explorar o mundo e, deste modo, conhecer-se a si e ao outro. A vinculação abrange um conjunto de sistemas comportamentais de base biológica, incluindo o sistema de vinculação, o sistema exploratório, o sistema afiliativo, o sistema medo-angústia e o sistema de cuidados (Ainsworth, 1982; ver também Cassidy, 2008; Guedeney, 2004).

O *sistema de vinculação* é definido como um sistema que mantém a proximidade entre a criança e a mãe (Bowlby, 1982/1969), desenvolvendo-se, presumivelmente, por aumentar a proximidade entre a criança, vulnerável, e os seus cuidadores, mais fortes (Rholes & Simpson, 2004). O objectivo principal do sistema de vinculação é a obtenção, real ou percebida, de protecção e segurança (Bowlby, 1982/1969), designada por Sroufe e Waters (1977) de *felt security*. A acção do sistema de vinculação resulta de um contexto que o activa, ou não, sendo o propósito da criança a manutenção da distância óptima desejada em relação à figura de vinculação, de acordo com as circunstâncias (ver Guedeney, 2004). O sistema é automaticamente activado quando surge uma ameaça potencial ou real ao sentido de segurança (Bowlby, 1982/1969), e esta activação pode modelar de forma inconsciente os comportamentos e estados de espírito, antes do reconhecimento consciente da activação do sistema (Mikulincer & Shaver, 2003). Os factores de ameaça podem ser internos à criança, como a fadiga, dor ou medo, e externos, como a presença de um estranho ou o estar sozinha (ver Guedeney, 2004). Embora o sistema de vinculação esteja permanentemente activado (Shaver & Mikulincer, 2005), já que em situações percebidas como “normais” e livres de perigo o sistema continua a controlar o ambiente, a proximidade com a figura de vinculação vai reduzir a intensidade da activação (Guedeney, 2004).

O sistema de vinculação possui aspectos normativos, ou seja, aspectos universais entre os indivíduos. Nos indivíduos adultos, podem enumerar-se três principais: a função adaptativa e reguladora da procura de proximidade e apoio perante estímulos ameaçadores e perigosos; o efeito benéfico da disponibilidade e responsividade da figura de vinculação no estado emocional, auto-imagem, comportamento dentro da relação e compromisso com

actividades promotoras de crescimento pessoal; o stress intenso, com exigência urgente do recurso a estratégias de *coping*, perante a indisponibilidade ou perda da figura de vinculação (ver Mikulincer e Shaver, 2007).

Relativamente ao *comportamento de vinculação*, pressupõe-se que ele se tenha desenvolvido através do processo de selecção natural, visto proporcionar uma vantagem de sobrevivência à criança: aumenta a hipótese de ser protegida pelos adultos que estão próximos (Ainsworth, 1989). Os comportamentos de vinculação referem-se a dados observáveis e traduzem-se em tudo o que promova a proximidade (Bowlby, 1982/1969), proporcionando à criança uma sensação de segurança (Guedeney, 2004) e permitindo modular e adaptar a distância entre o cuidador e a criança em função das necessidades desta (Bowlby, 1982/1969). Estes comportamentos são caracterizados pelos esforços para conseguir contacto físico ou psicológico com a figura de vinculação (Rholes & Simpson, 2004) e parecem ter a função de favorecer a ligação recíproca da mãe (ou do seu substituto) à criança (ver Guedeney, 2004). Consideram-se como comportamentos de vinculação o sorriso, o choro, o gatinhar, o agarrar-se, a sucção e a vocalização, destinados a favorecer a ligação da criança ao cuidador (Bowlby, 1958, 1982/1969). Contudo, Zeanah (1993, cit. por Guedeney, 2004) vai para além dos seis comportamentos de vinculação mencionados e sugere que não é tanto a especificidade do comportamento que importa, mas sobretudo a sua finalidade: se é organizado com o objectivo de promover a proximidade será, então, um comportamento de vinculação. Inicialmente, estes comportamentos são simplesmente emitidos, não sendo dirigidos a nenhuma pessoa em particular e só gradualmente passam a ser direccionados de forma distinta, à medida que a criança começa a discriminar a mãe de outras pessoas (Ainsworth, 1989).

A *figura de vinculação* é aquela face à qual a criança dirige o seu comportamento de vinculação (Bowlby, 1982/1969), não tendo que ser necessariamente a mãe; esta figura envolve-se numa interacção social com o bebé de forma continuada e responde aos seus sinais e aproximações de forma contingente. Existem diversas figuras de vinculação na vida da criança, sendo hierarquizadas em função dos cuidados prestados e da qualidade dos mesmos (ver Guedeney, 2004). Contudo, Holmes (1995) defende que a criança possui uma tendência inata para se vincular em especial a uma figura, escolhendo de um grupo estável de adultos a figura de vinculação preferencial.

A *relação de vinculação* desenvolve-se progressivamente, tendo Ainsworth (1989) definido como características principais a procura de proximidade, a noção de base segura (livre exploração na presença da figura de vinculação), busca de conforto (procura de

proximidade com a figura de vinculação quando em situação de ameaça), bem como as reacções de protesto face à separação. Weiss (1991) acrescenta que também podem ser identificadas como componentes distintivas a activação perante situações ameaçadoras, a especificidade da figura de vinculação, a impossibilidade de controlo sobre os sentimentos de vinculação, a persistência temporal da vinculação adquirida, e a independência de outras características da relação como a negligência e o abuso. A relação de vinculação é, pois, constituída por um vínculo, um laço afectivo existente entre o indivíduo e a figura de vinculação (Rholes & Simpson, 2004).

A teoria da vinculação procura ainda explicar o impacto dos cuidados recebidos (em particular da qualidade destes) no desenvolvimento humano. Bowlby (1973, 1980, 1982/1969) utilizou a designação *modelos operantes internos* (*internal working models*) para descrever as representações internas que a criança desenvolve do mundo, das pessoas que lhe são significativas e dela própria, postulando que as experiências relacionais precoces levam à construção destes modelos. Collins, Guichard, Ford e Feeney (2004) referem que os modelos operantes internos se caracterizam por estruturas cognitivo-afectivas hipotéticas, presumivelmente abrigadas na memória a longo prazo, que são activadas em resposta a sinais de vinculação relevantes. Ainsworth (1989) menciona que a criança forma uma representação interna do prestador de cuidados quando adquire a capacidade de reconhecer que este existe mesmo quando não se encontra presente, começando a surgir, com esta conquista, a ansiedade de separação (quando a criança é deixada). Durante o primeiro ano, a criança vai desenvolver gradualmente expectativas sobre a regularidade do que lhe acontece; estas expectativas são, então, organizadas em modelos operantes internos, quer do ambiente físico e das figuras de vinculação, quer dela própria (Bowlby, 1982/1969). Estes modelos são compostos por esquemas que representam a tentativa de se obter conforto ou segurança (ver Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Os autores referem que, com o tempo, as experiências específicas convertem-se em crenças e expectativas mais generalizadas sobre a responsividade e afecto dos outros, bem como sobre o valor do Eu. As representações do próprio incidem na imagem que se cria como merecedor, ou não, de ser amado, enquanto as representações dos outros se baseiam na percepção relativa à capacidade da figura de vinculação para ser atenta e sensível às necessidades da criança (e.g., Miljkovitch, 2004). Uma vez desenvolvidas, estas crenças são utilizadas para prever e interpretar o comportamento do outro (ver Main et al., 1985), ao mesmo tempo que influenciam a acção através de respostas complementares às do modelo interno e consistentes com as expectativas, reforçando-as (Soares, Martins, & Tereno, 2009).

As representações mentais da vinculação podem ser activadas por encontros, reais ou percebidos, com pessoas apoiantes, ou não, mesmo que estas sejam incongruentes com o estilo de vinculação global do indivíduo (e.g., Mikulincer & Shaver, 2001). Os modelos operantes internos podem tornar-se automáticos, permanecendo frequentemente inconscientes, como manobra defensiva do Eu (Bowlby, 1988). Experiências repetidas de disponibilidade por parte da figura de vinculação proporcionam uma base para o aumento da exploração, auto-regulação, autonomia e equilíbrio flexível entre a confiança depositada no próprio e no outro (Mikulincer & Shaver, 2004). Como os modelos operantes internos são construídos no contexto do sistema de vinculação, Collins e Read (1994, cit. por Collins et al., 2004) propuseram a inclusão de quatro componentes interrelacionadas. Desta forma, segundo os autores, os modelos operantes internos dividem-se nas memórias relativas à vinculação; nas crenças, atitudes e expectativas acerca dos outros e do próprio em relação aos processos de vinculação; nos objectivos e necessidades relacionados com a vinculação; nas estratégias e planos associados à obtenção dos objectivos de vinculação.

Passando agora aos *estilos de vinculação*, é sabido que nem todos os laços são iguais, tendo Bowlby (1973) descrito diferenças individuais importantes no funcionamento do sistema de vinculação em função da disponibilidade, responsividade e apoio da figura de vinculação perante as necessidades da criança. Embora as experiências e modelos de cada criança sejam únicos, foram observadas certas regularidades na natureza e qualidade das relações criança-cuidador. Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) possibilitaram o desenvolvimento experimental da teoria da vinculação ao criarem um procedimento laboratorial – Situação Estranha – que permitiu estudar as diferenças na organização dos comportamentos de vinculação. Na Situação Estranha são induzidas três situações de stress – local estranho à criança, interacção com um estranho e breves momentos de separação da figura de vinculação – que activam comportamentos de vinculação. Em função das estratégias organizadas pela criança para gerir a ansiedade causada pela separação e reunião, identificaram-se três padrões distintos de vinculação: seguro, inseguro-evitante e inseguro-ansioso (Ainsworth et al., 1978; ver também Ainsworth, 1982). Apresentam-se, em seguida, as principais características de cada um deles. O *estilo de vinculação seguro* é representado pela exploração do ambiente, tendo a mãe como base de segurança e havendo partilha de emoções com esta. Na presença da mãe, existe a capacidade para estabelecer contacto com “o estranho”. Além disso, ocorre uma procura activa de contacto e de interacção aquando do regresso da figura de vinculação. Face ao *estilo inseguro-evitante*, é notória uma exploração do meio independente da mãe, sem partilha de afecto. A relação com “o estranho” estabelece-

se com facilidade e, após a reunião, dá-se um evitamento activo da mãe. Por fim, o *estilo inseguro-ambivalente* é caracterizado por um comportamento exploratório pobre, tendo a criança dificuldade em estar sozinha, na sequência de uma procura constante de contacto. Existe receio, por parte da criança, face a situações e pessoas estranhas, bem como uma resistência ao estabelecimento de contacto após a reunião – ao mesmo tempo que procura a proximidade da mãe, resiste-lhe. Posteriormente, Main e Solomon (1990) identificaram um outro padrão, caracterizado por comportamentos atípicos: o *estilo de vinculação desorganizado/desorientado*. Neste estão presentes comportamentos contraditórios e estereotipados, havendo falta de estratégias coerentemente organizadas para lidar quer com o stress induzido pela separação da mãe, quer com a reunião posterior com ela. Este padrão de vinculação demonstra flutuações pouco comuns entre ansiedade e evitamento (Main & Solomon, 1990).

Por fim, é importante referir que, para além dos aspectos normativos, existem, também, diferenças individuais no sistema de vinculação. A trajectória do desenvolvimento na infância, adolescência e idade adulta não é linear nem, de modo algum, simples (Mikulincer & Shaver, 2007). Ainda que a vinculação do adulto tenha as suas raízes nas experiências precoces, existem inúmeras experiências, relações e contextos que modelam as representações internas das experiências passadas (ver Mikulincer & Shaver, 2007). No ponto seguinte aborda-se o tema da vinculação do adulto.

1.1.2 Vinculação do Adulto

A teoria da vinculação assenta na premissa de que, como se mencionou antes, os modelos operantes internos permanecem relativamente estáveis (Bowlby, 1973, 1980, 1982/1969). Bowlby (1982/1969, 1988) refere que o sistema de vinculação se encontra activo durante toda a vida, existindo uma constante dependência dos outros, independentemente da idade do indivíduo. O sistema de vinculação no adulto funciona de forma semelhante ao da criança, pautando-se também pelo objectivo principal de procura de segurança (Collins & Read, 1990). Por sua vez, contrariamente ao que acontece durante a infância, em que ocorrem relações marcadas pela complementaridade e diferenciação de papéis na procura e prestação de cuidados, na idade adulta as relações de vinculação distinguem-se pela simetria e reciprocidade, emergindo um equilíbrio continuado, e flexível, entre a procura e o facultar de segurança e conforto (Ainsworth, 1991). Ao começar novos relacionamentos, o indivíduo adulto traz consigo um historial de experiências sociais e um conjunto único de memórias, expectativas, objectivos e tendências que o guiam nas suas interações, moldando a maneira

com pensa e sente as relações e os comportamentos (Collins, 1996; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004). Assim, a dinâmica do sistema de vinculação no indivíduo adulto reflecte as experiências relacionais passadas, principalmente com os pais, com início na infância (Bowlby, 1973). Os modelos operantes internos derivados das interações com as figuras de vinculação durante a infância e adolescência consolidam-se, tornando-se parte do conhecimento implícito processual da pessoa (Shaver & Mikulincer, 2005). Estes modelos (utilizados na infância para interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação) são, agora, utilizados como guias nas expectativas, percepções e comportamentos de novas relações (Bowlby, 1973) e para a interpretação das experiências e orientação dos comportamentos de vinculação (Soares, 2009), referindo Bowlby (1988) que se actualizam ao longo da vida, através da capacidade humana para assimilar nova informação. Sroufe (2005) refere que, do ponto de vista de Bowlby, não só os padrões de adaptação estabelecidos são transformados pelas novas experiências, como estas são enquadradas, interpretadas e, até, criadas, pela história prévia de adaptação. Ou seja, mesmo existindo padrões relacionais estáveis, estes vão-se adaptando em resposta aos estilos comportamentais dos outros (Collins & Read, 1990), sendo os modelos operantes internos variáveis consoante as relações (Read & Miller, 1989, cit. por Collins & Read, 1990). Tem sido dada ênfase à existência de três categorias de antecedentes da vinculação do adulto: a sensibilidade materna e os factores relevantes na qualidade do ambiente de cuidados durante a infância, a competência social emergente dos indivíduos, e a qualidade das relações entre pares (ver Fraley, Roisman, Booth-LaForce, Owen, & Holland, 2013).

Relativamente à avaliação da vinculação do adulto, foi primeiramente desenvolvida uma medida, a *Adult Attachment Interview* (ver Main, Kaplan, & Cassidy, 1985), com base em relatos de memórias das relações com os pais e na avaliação da influência dessas experiências na personalidade adulta (ver Hesse, 2008). O instrumento permite identificar três categorias idênticas às identificadas através da Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978). O *padrão seguro* é caracterizado pela valorização das experiências de vinculação, existindo facilidade e objectividade na discussão das mesmas. O *padrão desligado* (correspondente à classificação inseguro-evitante da Situação Estranha) é delineado pela desvalorização das relações de vinculação, havendo dificuldade em relembrar certas experiências relevantes. O *padrão preocupado* (correspondente ao inseguro-ambivalente da Situação Estranha) é marcado por confusão ou incoerência no relato das experiências precoces.

Hazan e Shaver (1987), visando a análise das modalidades de vinculação dos adultos nas relações actuais, com pares ou românticas, utilizaram a teoria da vinculação como quadro

para a avaliação da relação entre os relacionamentos amorosos na idade adulta e as interações precoces cuidador-criança. O instrumento que desenvolveram tem subjacente um modelo com três dimensões (Vinculação Segura, Insegura Evitante e Insegura Ansiosa/Ambivalente), construído com base nos padrões de vinculação caracterizados por Ainsworth et al. (1978), e visa prolongar a tipologia de vinculação da infância até à idade adulta. Nos seus estudos, salientou-se que aproximadamente 56% dos sujeitos se classificavam como “seguros”, 24% como “evitantes” e 20% como “ansiosos/ambivalentes”.

Na tentativa de ultrapassar algumas limitações deste modelo, nomeadamente a sua natureza categorial na avaliação da vinculação, Collins e Read (1990) desenvolveram a *Adult Attachment Scale*, considerada mais sensível para medir a vinculação no adulto, e mais precisa na definição dos três estilos, permitindo avaliar três dimensões – *Close*, *Depend* e *Anxiety* (ver também Canavarro, 1999).

Por sua vez, Bartholomew e Horowitz (1991), considerando que poderia existir mais do que um tipo de vinculação evitante, discriminaram duas variantes deste estilo de vinculação num modelo com quatro dimensões. Desta forma, os autores desenvolveram um modelo de duas variáveis (modelo de si próprio e modelo dos outros) com a dicotomização positivo e negativo, de onde emergiram quatro padrões de vinculação: seguro, preocupado, desligado e amedrontado. O *padrão seguro* corresponde ao de Ainsworth et al. (1978) e de Hazan e Shaver (1987), indicando expectativas positivas relativamente aos outros (como sendo acessíveis e responsivos) e uma percepção positiva de si mesmo (enquanto merecedor de cuidados). No *padrão preocupado* a percepção de si é de não ser merecedor de cuidados, contudo, há uma visão positiva dos outros. O *padrão desligado* remete para a percepção do próprio como merecedor de cuidados, não havendo, no entanto, a expectativa de que os outros respondam de forma adequada. Por fim, o *padrão amedrontado* é caracterizado pela percepção do próprio como não sendo merecedor de cuidados e por uma avaliação dos outros igualmente negativa, de desconfiança.

Quanto ao tema da estabilidade da vinculação na idade adulta, a investigação conduz a resultados contraditórios. Por um lado, existem modelos preditores de mudança na segurança da vinculação do adulto (Davila & Cobb, 2004). Na revisão de literatura que apresentam, estes autores enumeram-nos como: mudança em resposta a acontecimentos de vida significativos; mudança como resultado dos “estados de espírito” (*states of mind*), havendo o acesso a diferentes modelos em diferentes ocasiões; e mudança decorrente de factores de vulnerabilidade – por exemplo, divórcio parental, psicopatologia parental, patologia da personalidade – que propiciam modelos pouco claros do próprio e dos outros e,

desse modo, facilitam modelos de vinculação instáveis. Fraley (2002), por outro lado, realça duas perspectivas existentes na literatura acerca da estabilidade da vinculação: a hipótese *prototype*, em que as representações das experiências precoces são retidas e influenciam continuamente o comportamento de vinculação ao longo do curso de vida, e a hipótese *revisionist*, em que as representações precoces são sujeitas a revisão com base nas experiências novas, podendo reflectir-se, ou não, nos padrões de vinculação da idade adulta. Scharfe e Bartholomew (1994) defendem que a estabilidade das representações é expectável a curto prazo, verificando que, num período de oito meses, num ambiente estável, isso sucede. Por sua vez, Kobak (1994) refere que existem evidências sugestivas de que os padrões de vinculação demonstram considerável instabilidade, mesmo durante curtos períodos de tempo, como 12 a 18 meses.

Por fim, remetendo ao carácter intergeracional da vinculação e fazendo ligação ao tema da paternidade que será discutido em seguida, torna-se importante referir que a representação mental da vinculação dos pais modela a parentalidade (Soares, Martins, & Tereno, 2009). Bowlby (1979) mencionou a continuidade intergeracional da qualidade do comportamento parental e van IJzendoorn (1995) confirmou que, de facto, filhos de pais seguros desenvolvem uma vinculação segura, enquanto pais com estilos de vinculação desligado e preocupado tem crianças que desenvolvem estilos de vinculação evitante e resistente. De qualquer forma, o autor refere que as representações parentais só predizem uma parte da segurança da vinculação da criança e existe uma associação transgeracional da vinculação mais forte para a mãe do que para o pai.

1.2 Paternidade e Envolvimento Paterno

1.2.1 Paternidade: Aspectos Históricos e Conceptuais

O interesse pela paternidade começou a emergir na década de 70 (Lamb, 2000), constatando-se que o conhecimento acerca desta temática evoluiu de forma célere nas últimas décadas (Palkovitz, 2007). Perceber o papel do pai dentro do núcleo familiar envolve um processo dinâmico (Day & Lamb, 2004), tendo as transformações sociais, políticas e tecnológicas, ocorridas no último século, afectado a vida familiar e, consequentemente, as expectativas relativas aos papéis materno e paterno (Cabrera, Fitzgerald, Bradley, & Roggman, 2007). As expectativas acerca dos cuidados prestados à criança variam substancialmente em função do que é esperado da mulher e do homem na relação parental

(Davis & Perkins, 1996). Torna-se, desta forma, importante perceber a paternidade na sua história, evolução, cultura e especificidade familiar.

Tradicionalmente, nas sociedades ocidentais, o papel da figura materna prende-se sobretudo com o afecto e a responsabilidade na prestação de cuidados e na educação dos filhos, enquanto o papel de pai assenta prioritariamente no apoio financeiro e em ser uma figura de autoridade e disciplinadora (Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006). Deste modo, o pai foi, até recentemente, remetido para um papel secundário no desenvolvimento da criança, visto como um “segundo objecto” ou “primeiro estranho” na vida da criança (Liebman & Abell, 2000). Na mesma linha, Davis e Perkins (1996) salientam o quanto o pai tende a assumir uma posição secundária no cuidado prestado à criança, tendo um papel menos instrumental e mais focado na brincadeira e lazer. Contudo, Lamb (2010) sugere que a definição de paternidade abrange, actualmente, um grande número de actividades tradicionalmente perspectivadas como fazendo parte do papel materno. Um pouco por todo o mundo ocidental, tem-se verificado um aumento na participação média do homem não só nas tarefas domésticas, mas também nos cuidados prestados aos filhos, ainda que a grande maioria não ultrapasse a função de “adjunto periférico das mães” (ver Gomez, 2005). Beitel e Parke (1998) defendem que, o facto de o pai optar por desempenhar um papel secundário, poderá dever-se à crença implícita de que a criança mantém um laço afectivo especial com a mãe, não sendo o pai capaz de a cuidar do mesmo modo.

Relativamente à evolução da paternidade, Lamb (1992) descreve sumariamente os papéis do pai na história norte americana, desde o formador moral ao novo pai envolvido. O autor refere o formador moral, do puritanismo ao início da era republicana, como dominado pela responsabilidade na supervisão e ensinamento moral; posteriormente, durante o período da industrialização, aparece o pai como provedor do sustento económico, tornando-se esta a característica mais importante e determinante da paternidade, e que constituía também o critério pelo qual se avaliavam os “bons pais”; mais tarde, surge o modelo de tipificação sexual, aquando do fim da segunda guerra mundial, mantendo-se, contudo, a importância das funções de sustento económico e de orientação moral; por volta de meados da década de 70, deu-se, pela primeira vez, uma identificação do pai como progenitor activo, o novo pai envolvido nos cuidados da criança. O autor defende que ser pai de forma activa foi definido como a componente central da paternidade e como unidade de medida pela qual se poderia aferir os “bons pais”.

O papel do pai tem sofrido, assim, alterações significativas ao longo do tempo. Para elas contribuíram de forma importante mudanças sociais a que se assistiu nas últimas décadas

como o aumento do poder económico por parte das mulheres, a dissociação entre a conjugalidade e a parentalidade, e o crescente número nas taxas de divórcio e recasamento (Gomez, 2005). Nesta linha, alguns autores consideram que a mudança no papel do pai tem sido acompanhada por quatro tendências sociais específicas – a progressiva participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento do número de pais que não coabita com a criança, o crescente envolvimento do pai nas famílias intactas e o aumento da diversidade cultural (ver Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000). Autores citados em Cabrera et al. (2000) referem ainda que, associados ao aumento da responsabilidade paterna face aos cuidados da criança, estão não só as altas taxas de empregabilidade materna, mas também factores como os períodos de declínio económico, a flexibilidade no horário de trabalho e o trabalho a partir de casa. Na sequência do que se mencionou, refira-se, a título ilustrativo, que em Portugal cerca de 48% da população activa são mulheres (Censos, 2011), denotando a grande evolução ocorrida na sua participação no mundo do trabalho ao longo das últimas décadas. Também a esfera familiar da sociedade portuguesa sofreu transformações, com a subida da taxa de divórcio, e do número de casos de coabitação e de nascimentos fora do casamento (ver Amâncio & Wall, 2004).

Nesta sequência, espera-se hoje que o pai esteja envolvido de forma mais activa e participativa nos cuidados e educação da criança (Bonney, Kelley, & Levant, 1999), encontrando-se, de facto, o pai comum contemporâneo mais implicado do que o seu “antecessor” (Lamb, 1992). Na mesma linha, Monteiro et al. (2006) comentam que a imagem do pai se tem vindo a alterar, sendo hoje colocada a tónica num pai afectuoso e activamente envolvido nos cuidados diários, na educação e na interacção com os filhos.

No estudo de Balancho (2004), realizado com três gerações (avós, pais e filhos) de doze famílias portuguesas de classe social média-alta, os resultados apontaram para a mudança entre gerações relativamente ao papel do pai. Os participantes referiram uma mudança qualitativa, percepcionando o pai actual “como mais sensível, mais presente, mais próximo afectivamente e mais compreensivo” (p. 383). As diferenças intergeracionais na representação do pai podem dever-se ao maior acesso à educação que hoje existe e ao facto de os conhecimentos relativos à psicologia infantil estarem acessíveis ao grande público (Balancho, 2004). Alguns resultados vão no sentido de o pai ser tão capaz quanto a mãe de cuidar dos filhos, sendo competente e sensível na interacção com eles, e parecendo que, à medida que as crianças se desenvolvem, ele se torna mais experiente e fica mais à vontade no seu papel (Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984). Defende-se que o pai tem a mesma capacidade que a mãe para interpretar o comportamento da criança e para responder de forma adequada

às suas necessidades, mas, apesar disso, não exerce as suas competências na prática com a mesma frequência (ver Davis & Perkins, 1996). Por exemplo, no estudo de Jones (1985, cit. por Davis & Perkins, 1996) verificou-se que o pai é sensível às necessidades do bebé, mas as expectativas relativas aos papéis de género tradicionais, conjuntamente com os horários de trabalho, limitavam as oportunidades para o pai desenvolver comportamentos de cuidador. Balancho (2004) refere ainda que, quando comparado com a mãe, o pai possui uma função de menor envolvimento na socialização da criança e nas tarefas diárias que dizem respeito não só à educação, como à sobrevivência. Alguns autores sugerem que o pai pode preferir ajudar a mãe apenas quando esta necessita por considerar que ela desempenha melhor as tarefas de cuidado à criança, optando por ser mais activo noutros domínios (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008).

Alguns autores salientam que o pai partilha com a mãe a responsabilidade por actividades que são agradáveis, menos rotineiras e menos rígidas em termos de horários (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988), oscilando o envolvimento consoante o tipo de actividades (Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010). O estudo português de Monteiro et al. (2006), com 421 díades mãe/pai de crianças com idade até aos 6 anos, revelou que mãe é a principal responsável pela prestação e organização dos cuidados à criança, existindo, no entanto, uma partilha da responsabilidade parental nas actividades lúdicas (por exemplo, quem compra os brinquedos, quem leva a criança às actividades extracurriculares, quem brinca, quem lê histórias). A brincadeira/lazer surge, então, como a dimensão mais saliente nas interacções pai-criança (Monteiro, Veríssimo, Santos et al., 2008). Lamb (1992) refere que, apesar de a mãe brincar muito mais com a criança do que o pai, se se considerar a proporção do total da interacção pais-crianças, o brincar é uma componente muito mais saliente da relação pai-criança. Os resultados são concordantes com os de outros autores que mostram que as interacções mãe-filho são dominadas, mais frequentemente, pelas áreas de cuidados, directos e indirectos (Pimenta et al., 2010), enquanto os pais se definem mais como parceiros de brincadeira (ver Roggman, 2004; ver também Tamis-LeMonda, 2004). Por seu turno, Monteiro e colaboradores (2010) sugerem que, nos cuidados directos como no dar banho, refeições ou no deitar, a partilha entre os pais se mostra igualitária, contrariamente aos cuidados indirectos em que a mãe alberga a maior responsabilidade.

Apesar de tudo o que foi referido, se, por um lado, é crescente o número de homens envolvidos com os filhos e que assumem, de forma partilhada ou mesmo maioritária, as tarefas parentais, por outro lado, é também crescente a percentagem dos “totalmente não envolvidos” a nível emocional, físico e financeiro (Coley & Chase-Landslade, 1999). De

facto, enquanto alguns homens procuram estabelecer com os seus filhos relações mais íntimas e calorosas do que as vividas com os seus próprios pais (Palkovitz, 2002), um número significativo de homens está ainda ausente ou não envolvido (Parke, 2002).

A diversidade cultural remete para diferentes pontos de vista acerca dos papéis e comportamentos paternos e maternos apropriados, e desafia a concepção universal de parentalidade (Cabrera et al., 2000), devendo, por isso, ser tida em conta. Os pais desempenham muitos papéis, mas a importância relativa atribuída a cada um varia consoante as circunstâncias, pelo que ser um pai activo deve ser perspectivado num contexto mais alargado (Lamb, 1992). Neste âmbito, Smetana (1994, cit. por Balancho, 2004) salienta que a mudança nas práticas é ainda limitada, não acompanhando a mudança mais extensiva nas crenças, expectativas e representações sobre o pai. Arendell (1996) considera mesmo que, embora alguns homens se envolvam de forma mais activa com os seus filhos, comparativamente com os seus próprios pais, no geral poucas mudanças se verificaram. O papel do pai continuará, assim, a evoluir num contexto cultural de diversidade em termos de valores e ideologias familiares (Cabrera et al., 2000). Aprofunda-se, a seguir, as características do envolvimento paterno.

1.2.2 Envolvimento Paterno: Definição e Conceptualização

Nas sociedades ocidentais, o pai é convidado, obrigado ou, pelo menos, solicitado a envolver-se numa relação com o/a filho/a desde a concepção (Rouyer, Frascarolo, Zaouche-Gaudron, & Lavanchy, 2007). Apesar disso, e como acima se mencionou, existe uma discrepância significativa entre a evolução das “mentalidades”, das representações e da realidade das práticas (ver Balancho, 2004; ver Rouyer et al., 2007).

O envolvimento paterno é um conceito multidimensional, em constante evolução (Cabrera et al., 1999), não existindo uma definição que seja universal, consensual. Até há pouco tempo, o envolvimento paterno era estudado sobretudo em função da presença física do pai em casa com a criança (Pleck, 2012). No entanto, o que tem importância não é tanto quem está em casa, mas sim a vivência e a relação estabelecida (Lamb, 1992). O período de tempo que o pai passa com a criança tem, provavelmente, menos importância do que o que fazem durante esse tempo, e do que a forma como pai, mãe, criança e pessoas significativas percebem e avaliam a relação pai-criança (e.g., Lamb, 1992, 2010). Assim, actualmente, a avaliação do envolvimento paterno é realizada em termos não só do tempo passado em conjunto com a criança, mas também da qualidade desse envolvimento, avaliando-se tipos específicos de interacção promotores do desenvolvimento saudável da criança (Pleck, 1997).

O termo envolvimento é, usualmente, definido com base em três componentes identificados na conceptualização de Lamb e colaboradores (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987). São eles: *o envolvimento ou interacção* – a experiência de contacto directo, prestação de cuidados e partilha de interacções com a criança; *a disponibilidade ou acessibilidade* – a presença paterna e disponibilidade para a criança, independentemente das interacções propriamente ditas entre ambos; *a responsabilidade* – o progenitor assume o encargo pelo bem-estar e cuidados da criança, o que implica saber o que esta precisa, e quando e como o fornecer. Este último componente inclui a participação paterna em tarefas como escolher um pediatra e marcar uma consulta, escolher uma escola, cuidar da criança quando doente ou monitorizar as suas actividades (Lamb et al., 1987). Apesar de esta conceptualização ser provavelmente a mais influente, ela tem sido alvo de crítica e outros autores têm apresentado contributos conceptuais adicionais. Por exemplo, Palkovitz (1997) partiu da conceptualização anterior, mas sugeriu um quadro do envolvimento paterno com três domínios sobrepostos: cognitivo, afectivo e comportamental, onde reconheceu quinze categorias gerais, entre elas, planear, partilhar actividades, ensinar, ser acessível e fornecer suporte emocional. Radin (1994) deu ênfase à importância de distinguir entre “envolvimento absoluto” – tempo pai-criança passado em exclusivo – e “envolvimento relativo” – comparação entre o tempo despendido por diferentes cuidadores.

A este propósito, Parke (1996) salienta que é importante a distinção entre os contextos e tipos de interacção (designadamente ao nível do envolvimento nos cuidados prestados à criança e nas actividades de brincadeira/lazer) e os níveis de envolvimento absoluto e relativo, defendendo que nas famílias cujo envolvimento relativo da mãe é semelhante ao do pai o ambiente para a criança é claramente distinto do observado em famílias cujo envolvimento não é igualitário.

Mais recentemente, Cabrera et al. (2007) propuseram um modelo heurístico que assume a coexistência dos sistemas parentais (paterno e materno) enquanto sistemas complementares. Este modelo visa a organização sistemática do estudo do pai face ao bem-estar e desenvolvimento da criança, a inclusão dos factores que influenciam o envolvimento paterno, e a consideração de factores mediadores ou moderadores entre o envolvimento paterno e as consequências para a criança. Por sua vez, Pleck (2010) propôs uma revisão da conceptualização do envolvimento paterno, incluindo três componentes primários. São eles as actividades de envolvimento positivo, a capacidade de ser afectuoso e responsivo, e o controlo. Adicionalmente, de modo a clarificar o componente da responsabilidade, distinguiu dois domínios auxiliares: cuidados indirectos sociais e materiais – actividades realizadas para

a criança, e actividades que não são dirigidas para a criança – e processamento da responsabilidade – assegurar que todos os componentes previamente enumerados são facultados.

Destaca-se que, mais do que a quantidade de envolvimento, é a qualidade deste ou a relação entre quantidade e qualidade que parece ter maior impacto no desenvolvimento da criança (Pimenta et al., 2010). Com efeito, o mais importante na relação pai-criança, independentemente da idade desta, é o clima afectivo – de conexão, disponibilidade, amor, segurança, confiança – o estilo comportamental – de controlo moderado, monitorização, facilitação de interacções – e a sincronia relacional – apropriada e sensível, de apoio, ensinamento, e de disponibilidade (Palkovitz, 2007).

Segundo Lamb (1992), o pai promove o desenvolvimento positivo dos filhos da mesma forma que a mãe, e as crianças com relações próximas com ambos os progenitores são as mais beneficiadas no seu desenvolvimento. As crianças cujo pai está bastante envolvido nos cuidados e educação distinguem-se das demais pela competência cognitiva aumentada, maior capacidade de empatia, ideias menos estereotipadas acerca da tipificação sexual e um nível mais elevado de locus de controlo interno, para além de que o pai com características de afecto, proximidade e envolvimento tende a ter filhos competentes e motivados para o sucesso (ver Lamb, 1992, 1996). Por exemplo, em crianças de idade escolar, o envolvimento paterno na vida escolar dos filhos, quer de pais solteiros quer pertencentes a famílias intactas, está associado a melhor desempenho académico e prazer com escola (Nord, Brimhall, & West, 1997). Também o apoio que o pai presta à mãe, aumentando a qualidade da relação mãe-criança, facilita o ajustamento positivo da criança e influencia, assim, a qualidade da vida familiar em geral (Lamb, 1992). Relativamente aos rapazes, o autor comenta que, quando a relação com o pai é calorosa, eles parecem adaptar-se mais facilmente aos padrões de tipificação sexual da sua cultura, independentemente da “masculinidade” do progenitor. Adicionalmente, o autor refere que os rapazes que crescem sem um pai presente parecem especialmente propensos a exibir problemas no desenvolvimento do papel e identidade de género, no desempenho escolar, no ajustamento psicossocial e na capacidade de autocontrolo. Segue-se uma revisão de literatura referente às variáveis que influenciam a participação do pai na vida da criança, visando a compreensão de factores importantes para o envolvimento paterno.

1.2.3 Variáveis que Influenciam o Envolvimento Paterno

As atitudes do pai e a percepção que este tem do seu papel na família são factores muito relevantes no envolvimento paterno (Levy-Shiff & Israelashlivi, 1988). Nesta linha, Lamb et al. (1987) identificaram quatro determinantes que fomentam o envolvimento: a motivação, a competência e a auto-confiança, o apoio, e factores institucionais. Em relação à *motivação* paterna para o envolvimento com os filhos, demonstra-se, por exemplo, que ela é mais importante do que as crenças da mãe relativas aos papéis de género na determinação do tempo que o pai despende com a criança (Cook, Jones, Dick, & Singh, 2005), para além de que quanto menos tradicionais são as crenças paternas relativamente ao papel do pai, mais tempo este despende como cuidador primário (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Jacobs & Kelley, 2006). Face à *competência e auto-confiança*, a investigação sugere que, em geral, a crença do pai na sua capacidade e competência para cuidar das necessidades físicas e emocionais da criança se associa positivamente com o envolvimento paterno (e.g., Beitel & Parke, 1998; Ehrenberg, Gearing-Small, Hunter, & Small, 2001). Relativamente ao *apoio*, releva-se, por exemplo, que as crenças da mulher quanto ao grau de envolvimento que o parceiro deve ter nos cuidados à criança se relacionam com o envolvimento dos homens (Beitel & Parke, 1998; Hofferth, 2003). Por último, face aos *factores institucionais* têm sido consideradas diversas variáveis, verificando-se, por exemplo, que o número de horas que o pai trabalha fora de casa se associa negativamente com a responsabilidade tomada nos cuidados à criança (Beitel & Parke, 1998; Bonney et al., 1999; Jacobs & Kelley, 2006).

Na literatura sobressai que o envolvimento paterno pode ser afectado por variáveis que remetem para as características do pai, características da criança, atitudes da mãe face aos papéis de género e ao envolvimento do pai, e factores contextuais como a qualidade da relação do casal e o emprego materno. Abordam-se, em seguida, de forma breve, estes aspectos.

No que respeita às *características do pai*, tem sido estudada, por exemplo, a influência da idade paterna. Os resultados são inconsistentes indicando-se ora que o pai mais velho tende a envolver-se menos nos cuidados à criança (McBride et al., 2005), e que o envolvimento é mais activo quando o pai é mais jovem (NICHD, 2000), ora que é o pai mais velho que assume maior responsabilidade nos cuidados (Lima 2005, cit. por Pimenta et al., 2010). Em estudos com amostras portuguesas, Simões, Leal e Maroco (2010b) e Monteiro et al. (2006) não encontraram variação no envolvimento em função da idade do pai.

Quanto ao nível de instrução, quanto mais elevado este for maior será o envolvimento do pai com a criança (Flouri & Buchanan, 2003), favorecendo a participação nas actividades

práticas (como dar refeições, banho, vestir a criança, deitá-la, levá-la ao médico, comprar roupa, escolher a escola, ir às reuniões de pais, entre outras) e, também, nas actividades lúdicas (Monteiro et al., 2006; Monteiro, Veríssimo, Santos et al., 2008). O facto dos pais com habilitações mais elevadas associarem as actividades de brincadeira a uma estimulação das aprendizagens cognitivas e sociais dos filhos poderá ajudar a compreender o seu maior envolvimento no brincar (Monteiro et al., 2006). O acesso à informação pode desempenhar um papel influente no envolvimento paterno (Pimenta et al., 2010). É ainda possível que associadas a habilitações literárias superiores estejam profissões ditas liberais, com menor rigidez de horários, o que promove uma maior facilitação e conciliação entre o trabalho e as actividades de natureza familiar (Monteiro et al., 2006). Numa outra linha, refira-se que as habilitações literárias da mãe também se encontram correlacionadas (positivamente) com a participação paterna nos cuidados (Simões et al., 2010b), independentemente de o pai ter ou não mais habilitações literárias (ver Arendell, 1996).

Face às *características da criança*, os estudos não são totalmente concordantes no que se refere à influência da sua idade no grau de envolvimento paterno. Lamb (1987, cit. por Monteiro et al., 2006) menciona que o pai passa mais tempo na prestação de cuidados quando a criança é mais pequena. Contudo, parece que tal não é exclusivo do pai, existindo, em ambas as figuras parentais, um aumento do tempo dedicado aos cuidados da criança numa fase mais precoce do seu desenvolvimento (ver Lamb, 1992). Note-se, no entanto, que são vários os autores que contradizem aquela ideia, defendendo que o pai se envolve mais com a criança à medida que ela cresce (e.g., Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984). Mais, os homens tendem a ser participantes mais activos com crianças de idade escolar, envolvendo-se especialmente em actividades de lazer (ver revisão de David & Perkins, 1996). Também Pimenta et al. (2010) encontraram uma associação positiva entre a idade da criança e o envolvimento do pai nas actividades lúdicas. Relativamente ao sexo da criança, os resultados sugerem que o pai tende a passar mais tempo e a envolver-se mais com os filhos do que com as filhas, independentemente da idade (e.g., Easterbrooks & Goldberg, 1984; Grossman, Pollack, & Golding, 1988; Lamb, 1977), tendo um envolvimento mais participativo e disponível nos cuidados diários e na interacção directa com os filhos rapazes (Easterbrooks & Goldberg, 1984; Flouri e Buchanan; 2003; Marsiglio, 1991; NICHD, 2000). Uma explicação possível seria a de que o pai se sentirá melhor preparado para interagir e brincar com um filho com quem partilha a mesma identidade de papel de género (Turcotte et al., 2001). Apesar dos resultados mencionados, noutros estudos não se confirma a influência do sexo da criança no envolvimento paterno (e.g., Bailey, 1994; Monteiro et al., 2006; Rouyer et al., 2007).

Também as dificuldades de temperamento da criança, e os problemas emocionais e comportamentais afectam negativamente o envolvimento paterno (Flouri & Buchanan, 2003; Grolnick, Benjet, Kurowski, & Apostoleris, 1997).

As atitudes da mãe face aos papéis de género e ao envolvimento do pai com a criança têm sido também estudadas em termos da sua potencial influência no envolvimento do próprio pai. Sobressai que as mães com crenças mais tradicionais relativas aos papéis de género, têm, tipicamente, parceiros menos envolvidos nos cuidados à criança (Allen & Hawkins, 1999; Beitel & Parke, 1998; Bonney, Kelley, & Levant, 1999), associando-se ainda o maior envolvimento do pai com a avaliação positiva que a mãe faz da competência paterna e da participação do seu companheiro (e.g., Beitel & Parke, 1998; Lamb, 1992). Contudo, a participação paterna nos cuidados à criança também influencia as crenças maternas quanto ao papel do pai (Bonney, Kelley, & Levant, 1999). A este propósito é relevante referir a noção de “gatekeeping” materno, constituída por comportamentos debilitadores e de pouco apoio face ao envolvimento de outrem que não a mãe nos cuidados da criança, a qual, como é compreensível, se encontra associada à diminuição do envolvimento paterno (Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008).

No que diz respeito aos *factores contextuais*, e começando pela associação do envolvimento paterno com a relação marital, a investigação sugere que os pais que se sentem satisfeitos com a relação conjugal, bem como com os seus objectivos individuais e com a organização estabelecida para os cuidados à criança, estão numa melhor posição para enfrentar os desafios da parentalidade (Herzog, Goldberg, Michaels, & Lamb, 1985). É possível que o amor pela companheira leve o homem a ajudar nos cuidados e educação dos filhos, verificando-se que, nos casais com maior satisfação marital, o homem realiza, de facto, um maior número de tarefas de cuidado à criança (Bonney et al., 1999; Levy-Shiff & Israelashlivi, 1988) e é melhor a qualidade da interação pai-filho (ver Jacobs & Kelley, 2006). Por sua vez, níveis elevados de conflito marital relacionam-se com baixa qualidade da relação pai-criança (Cabrera et al., 2000), sendo também provável que, na presença de um bom relacionamento conjugal, o pai surja com mais frequência no discurso materno (Silva & Piccinini, 2007). Contrariamente, alguns autores sugerem que o conflito marital influencia positivamente o envolvimento do homem nas tarefas familiares e no tempo dispensado à criança (ver Crouter, Perry-Jenkins, Huston, & McHale, 1987; ver Jacobs & Kelley, 2006).

Nas famílias em que o pai é responsável por parte substancial dos cuidados prestados à criança, famílias estas designadas por alguns autores como não-tradicionais ou alternativas, ele tem, habitualmente, um nível educacional mais elevado, sendo geralmente caucasiano e

de classe média-alta (ver Davis & Perkins, 1996). Desta forma, é possível que a partilha da responsabilidade parental ocorra, sobretudo, nas famílias de estatuto socioeconómico médio e médio-alto (e.g., Paquette, 2004). A reforçar isto, Davis e Perkins (1996) referem que a maior parte da investigação é feita com famílias caucasianas intactas, com um nível educacional elevado e de classe social média. Por sua vez, Gouveia et al. (1991, cit. por Pimenta et al., 2010) observaram, numa amostra portuguesa, menos participação paterna nas classes sociais mais extremadas.

Como já se sugeriu antes, o grau de envolvimento paterno em famílias intactas pode depender do facto de a mãe estar ou não a trabalhar (e.g., Lamb et al., 1987). Com efeito, quanto mais horas a mãe despende no trabalho, mais o pai se envolve com a criança (e.g., Bonney et al., 1999; Davis & Perkins, 1996), nomeadamente colaborando nos diferentes cuidados à criança (Pimenta et al., 2010), até porque é provável que, nas circunstâncias referidas, aumente a necessidade da sua participação. Na mesma linha, Crouter et al. (1987) mostram que, nas famílias com dupla fonte de rendimento, o pai está mais envolvido nas actividades de cuidado à criança, comparativamente com o que acontece nas famílias em que apenas o pai trabalha.

No que diz respeito aos componentes do envolvimento paterno definidos por Lamb et al. (1987), descritos no ponto 1.2.2, realça-se que, em famílias intactas, quando a mãe está empregada, os níveis de envolvimento e acessibilidade paterna (em comparação com os níveis maternos) são significativamente mais elevados do que em famílias em que a mãe está desempregada (ver Lamb, 1992), mas não existe evidência de um efeito do emprego da mãe sobre o nível de envolvimento paterno quando está em causa a componente responsabilidade (Lamb, 1992). Apesar dos resultados apresentados, o emprego, por si só, pode não ser uma justificação suficiente para o tipo de envolvimento do pai (Pimenta et al., 2010).

Verifica-se ainda que pais com melhores condições financeiras despendem menos tempo com os filhos, comparativamente com pais com baixo rendimento (Levy-Shiff & Israelashlivi, 1988) sendo, contudo, o seu envolvimento mais positivo (Easterbrooks & Goldberg, 1984). Também Tamis-LeMonda e McFadden (2010) verificam que, mesmo com todos os desafios inerentes ao dia-a-dia do pai com baixo rendimento, ele se encontra altamente envolvido na vida da criança. Os pais com um rendimento mais elevado tendem a possuir carreiras profissionais mais exigentes em termos de tempo, pelo que o horário de trabalho poderá constituir um obstáculo à quantidade de tempo que o pai passa com a criança (Bonney et al., 1999). Crouter et al. (1987) observaram que, em famílias com duplo rendimento, quanto mais horas o pai trabalha menos se envolve em actividades de lazer, não

afectando, no entanto, o envolvimento nos cuidados da criança. Alguns autores não encontraram uma associação do envolvimento paterno quer com o nível educacional ou o nível socioeconómico do pai (e.g., Simões et al., 2010a, 2010b), quer com o conflito trabalho-família (Jacobs & Kelley, 2006), não obstante Lamb (1992) referir que a necessidade de prover o sustento económico da família e as barreiras impostas pelo local de trabalho estão entre as razões mais referidas para o baixo envolvimento paterno.

1.3 Vinculação do Adulto e Envolvimento Paterno

A literatura tem focado o estudo da relação entre a parentalidade e a consequente vinculação da criança (e.g., Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992; Howard, 2010; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008) e entre a vinculação do adulto e a transição para a parentalidade (e.g., Rholes, Simpson, Campbell, & Grich, 2001; Simpson, Rholes, Campbell, Tran, & Wilson, 2003), incidindo sobretudo na relação mãe-criança. Por sua vez, a investigação que aborda a relação entre a vinculação do adulto e o envolvimento paterno é escassa, emergindo a necessidade de se aprofundar o conhecimento nesta temática.

A ideia de que as relações precoces na infância afectam as relações íntimas na vida adulta, incluindo as relações românticas e as relações pais-filhos, é central na teoria do desenvolvimento de Freud (Bowlby, 1982/1969; Ricks, 1985), sendo a construção de relações de vinculação na infância tida como uma tarefa normativa do desenvolvimento socio-emocional (Bowlby, 1982/1969; Monteiro, Veríssimo, Santos, et al., 2008). Bowlby (1979) destacou também as relações maritais e parentais como as relações em que a influência da vinculação precoce tende a ser mais marcada. As relações parentais precoces influenciam, assim, o estabelecimento de outras relações próximas (Bowlby, 1982/1969), constituindo-se como base para o indivíduo adulto assumir novas tarefas desenvolvimentais, como é o caso da parentalidade (Faria et al., 2009). Nesta linha, Lamb (1986, p. 6, cit. por Balancho, 2004) comenta que “muitos homens estabelecem objectivos que dependem das memórias da sua infância, escolhendo, ora compensar as deficiências dos seus próprios pais, ora emulá-las”.

Dado que o envolvimento paterno com os filhos e com a família é particularmente sensível à qualidade da relação mãe-criança (Tamis-LeMonda, Kahana-Kalman, & Yoshikawa, 2009), é possível que a vinculação romântica do pai com a mãe seja saliente na predição das interacções com a criança (Howard, 2010). A segurança da relação de vinculação pai-filho é predita modestamente pela segurança da relação de vinculação mãe-filho (ver van IJzendoorn, 1995). O autor refere ser possível que a mãe determine a relação de vinculação da criança ao pai através da influência da relação de vinculação mãe-filho. O pai,

por sua vez, tem, também, um papel importante na relação mãe-criança, visto que, por exemplo, a mãe com uma vinculação insegura, quando casada com um pai com uma vinculação segura, é mais apoiante para com os filhos, contrariamente ao que acontece quando ambos os pais possuem estilos de vinculação inseguros (ver Mikulincer & Shaver, 2007). Radin (1982, cit. por Davis & Perkins, 1996) sugere que as mães cujo pai é percebido como menos envolvido nos cuidados, em comparação com outros homens da mesma geração, têm maridos que se envolvem activamente.

De acordo com extensões da teoria da vinculação, da mesma forma que as crianças desenvolvem representações mentais dos seus pais, também os adultos que se preparam para ser pais, e os que já o são, desenvolvem representações mentais de si próprios enquanto cuidadores, da criança enquanto recipiente do cuidado, e da relação pais-filhos (George & Solomon, 1999, cit. por Mikulincer & Shaver, 2007). A investigação sugere que as diferenças individuais nas representações mentais dos pais determinam a responsividade destes para com os sinais de vinculação da criança e, consequentemente, direccionam o desenvolvimento socio-emocional desta (van IJzendoorn, 1995). A segurança da vinculação dos pais (pai e mãe) explica, em cerca de 12%, a variação da sua responsividade para com as crianças (van IJzendoorn, 1995). O autor especifica que os pais (pai e mãe) parecem expressar as suas representações mentais de vinculação em comportamentos mais ou menos responsivos para com os filhos. Berlin, Cassidy e Appleyard (2008) mencionam que, embora comece a surgir investigação sobre a influência da vinculação precoce nas relações românticas, carece-se de estudos que relacionem a influência da vinculação precoce na parentalidade, o que foi confirmado pela pesquisa bibliográfica efectuada para o presente estudo.

Não obstante o referido, existe alguma informação acerca dos estilos de vinculação e da parentalidade. Pais (pai e mãe) “inseguros”, comparativamente com os pais “seguros”, caracterizam-se como menos competentes no seu papel parental (Volling, Notaro, & Larsen, 1998), sendo menos positivos no que diz respeito ao julgamento das suas capacidades de se relacionarem com a criança (Rholes, Simpson & Blakely, 1995; Rholes, Simpson, Blakely, Lanigan, & Allen, 1997) e experimentam com menos prazer e alegria a relação com os filhos (Rholes, Simpson, & Friedman, 2006).

Howard (2010), por sua vez, refere que o pai com um estilo de vinculação evitante reporta níveis mais baixos de conhecimento relativamente ao desenvolvimento da criança. O estilo de vinculação evitante prediz níveis altos de stress parental e relaciona-se com um nível elevado de conflito nos papéis família-trabalho (Vieira, Ávila, & Matos, 2012). Adultos com um estilo de vinculação evitante-desligado têm maior probabilidade de retirar menos

satisfação e significado da parentalidade, sentindo grande distância emocional na relação com os filhos, e percebem-se como tendo menor capacidade para se relacionarem com eles (Rholes et al., 1995; Rholes et al., 1997).

No que respeita à vinculação ansiosa, os adultos com este tipo de vinculação têm crenças contraditórias e ambivalentes quanto à parentalidade. Com efeito, por um lado percebem-se de forma negativa no desempenho do papel parental, mas, por outro lado, existem indicadores de que desejam ser pais (Rholes et al., 1997). Num estudo recente, verificou-se que mães e pais mais ansiosos nas suas relações experimentam, de facto, mais sentimentos de incompetência com a parentalidade (Nygren, Carstensen, Ludvigsson, & Frostell, 2012). Pais (homens) identificados com níveis mais elevados de vinculação ansiosa/ambivalente reportam, também, níveis baixos de eficácia no papel parental, bem como níveis elevados de potencial de abuso e de stress parental (Howard, 2010).

Por fim, pais (pai e mãe) com vinculação segura descrevem sentimentos de maior competência no papel parental, comparativamente com pais “inseguros” (Volling et al., 1998) e tendem a demonstrar com os filhos níveis mais altos de carinho e apoio (Crowell & Feldman, 1988). Os pais “seguros” parecem perceber mais detalhadamente os sinais de vinculação dos filhos, sendo mais interessados e capazes de responder rápida e adequadamente à criança, em comparação com pais “evitantes” e “ansiosos” (van IJzendoorn, 1995). Também Cohn, Cowen, Cowen e Pearson (1992, cit. por Mikulincer & Shaver, 2007) reportaram, na linha do acima referido, que o pai com vinculação segura é mais caloroso e fornece mais apoio à criança, proporcionando ainda melhor organização e estrutura de tarefas quando em interação com ela. Acresce que, no estudo de Howard (2010), os pais (homens) de crianças entre os seis e doze meses que se classificam com vinculação segura apresentam valores mais elevados de eficácia parental e de conhecimento relativo ao desenvolvimento da criança.

Ainda que a prestação de cuidados seja considerada, na teoria da vinculação, um componente essencial da natureza humana (e.g., Feeney & Collins, 2004), continua a saber-se pouco sobre o sistema de cuidados no pai (George & Solomon, 2008). A investigação garante notoriedade ao estudo da mãe, mais ainda porque as representações de vinculação do pai, comparativamente com as da mãe, têm provado estar menos relacionadas com a vinculação segura da criança (van IJzendoorn, 1995). Howard (2010) refere que os relatos dos pais, homens, acerca dos seus estilos de vinculação se associam previsivelmente às suas crenças parentais.

Na sequência da revisão de literatura apresentada, fica saliente a insuficiência de estudos que relacionam a vinculação do adulto e o envolvimento paterno, o que remete para a pertinência do presente estudo

CAPÍTULO 2: Objectivos e Hipóteses

2.1 Objectivos

A revisão de literatura apresentada no Capítulo 1 deixa patente a diversidade de estudos no âmbito quer da vinculação do adulto, quer do envolvimento paterno. Contudo, são escassos os estudos que analisam a relação das duas dimensões, emergindo a necessidade de que a investigação nesta área seja incrementada.

Nesta sequência, o presente estudo visa, entre outros objectivos, a análise da relação entre a vinculação do adulto e o envolvimento paterno. Apresentam-se a seguir, de forma discriminada, os objectivos gerais e específicos do estudo, e as respectivas hipóteses.

Objectivo Geral 1: Caracterização da Vinculação do Adulto e do Envolvimento Paterno numa amostra de pais (homens) de crianças em idade escolar (5-10 anos).

Objectivos Específicos:

- a) Caracterizar a Vinculação do Adulto (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) considerando: a comparação dos resultados obtidos com os da amostra do estudo do instrumento que avalia a Vinculação do Adulto; a análise da distribuição dos participantes pelos estilos de vinculação, segundo o modelo de Bartholomew (1990).
- b) Caracterizar o Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina), comparando os resultados obtidos com os da amostra do estudo do instrumento que avalia o Envolvimento Paterno.

Objectivo Geral 2: Relacionar a Vinculação do Adulto com o Envolvimento Paterno (estudo preditivo).

Objectivo Específico: Determinar se a Vinculação do Adulto (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) se constitui como preditor do Envolvimento Paterno (variáveis Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina tratadas individualmente).

Objectivo Geral 3: Relacionar a Vinculação do Adulto e o Envolvimento Paterno com variáveis sociodemográficas.

Objectivos Específicos:

a) Determinar se a Vinculação do Adulto (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) se relaciona com variáveis sociodemográficas do pai (idade, nível de instrução, situação laboral, estado civil e número de filhos) e da criança (idade e sexo).

b) Averiguar se o Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) se relaciona com variáveis sociodemográficas do pai (idade, nível de instrução, situação laboral, estado civil e número de filhos) e da criança (idade e sexo).

Objectivo Geral 4: Relacionar a Vinculação do Adulto e o Envolvimento Paterno com variáveis das relações com a companheira e com a criança.

Objectivos Específicos:

a) Explorar se a Vinculação do Adulto (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) se associa com variáveis da relação quer com a companheira (Satisfação), quer com a criança (Proximidade).

b) Explorar se o Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) se associa com variáveis da relação quer com a companheira (Satisfação), quer com a criança (Proximidade).

2.2 Hipóteses

Hipótese 1: Prevê-se que a Vinculação do Adulto seja um preditor do Envolvimento Paterno.

Hipótese 2: Estima-se que haja uma associação da Vinculação do Adulto com variáveis sociodemográficas do pai e da criança.

Hipótese 3: Prevê-se que haja uma associação do Envolvimento Paterno com variáveis sociodemográficas do pai e da criança.

Hipótese 4: Estima-se que haja uma associação da Vinculação do Adulto e do Envolvimento Paterno com a percepção paterna da satisfação sentida na relação com a companheira e com a percepção da proximidade na relação com a criança.

CAPÍTULO 3: Método

3.1 Participantes

Este estudo foi desenvolvido no âmbito de um outro mais alargado, dirigido para a paternidade, da responsabilidade de J. Barrocas, cuja investigação se inscreve no contexto do Doutoramento em Psicologia Clínica (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa).

O presente estudo contou com a participação de 94 indivíduos do sexo masculino, pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos.

Será, neste ponto, apresentada a caracterização sociodemográfica dos participantes e das crianças-alvo, realizada com base em informação obtida através de uma Entrevista de Recolha de Dados (ver ponto 3.2.3) da autoria de Barrocas, Santos e Paixão, criada em 2012 no contexto da pesquisa supramencionada.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos, com uma média de idades de 40.34 ($DP = 5,56$).

No Quadro 1 figura a distribuição dos participantes em função do nível de instrução. A maioria completou 9 ou mais anos de escolaridade, sendo que cerca de $\frac{1}{4}$ concluiu o ensino superior.

Quadro 1

Nível de Instrução dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior
f	5	13	20	31	24
(%)	(5.4%)	(14%)	(21.5%)	(33.3%)	(25.9%)

Nota. N= 93

Na presente amostra, 89 (94.7%) dos participantes encontram-se empregados, existindo 5 (5.3%) desempregados. Entre os pais empregados, há uma distribuição pelos vários grupos profissionais, de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões, não se incluindo, no entanto, nenhuma profissão no Grupo 0 – Profissões das Forças Armadas (Quadro 2). A maioria dos participantes (59.6%) inscreve-se no Grupos 2 (22.5%), 5 (16.9%) e 7 (20.2%).

Quadro 2

Grupo Profissional dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Grupo Profissional dos Participantes										
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
f	0	7	20	10	8	15	1	18	5	5
(%)	-	(7.9%)	(22.5%)	(11.2%)	(9.0%)	(16.9%)	(1.1%)	(20.2%)	(5.6%)	(5.6%)

Nota. (N= 89); Categorias de 0 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 0- Profissões das Forças Armadas; 1 – Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Directores e Gestores Executivos; 2 - Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas; 3 - Técnicos e Profissões de Nível Intermediário; 4 - Pessoal Administrativo; 5 – Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores; 6 - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta; 7 – Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices; 8 - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 - Trabalhadores não Qualificados.

No que respeita ao estado civil dos participantes (Quadro 3), a grande maioria encontra-se casada ou a viver em união de facto (92.5%).

Quadro 3

Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Estado Civil dos Participantes				
	Casado/União de Facto	Divorciado/Separado	Solteiro	Viúvo
f	87	4	2	1
(%)	(92.5%)	(4.2%)	(2.1%)	(1.1%)

Quanto à satisfação na relação com a companheira, avaliada com uma questão que tem associada uma escala de 5 pontos, sobressai que nenhum pai deu uma resposta num sentido menos positivo ('Nada satisfeito' e 'Pouco satisfeito'), distribuindo-se as respostas ($N = 87$) por três níveis: 'Razoavelmente satisfeito' (8%), 'Muito satisfeito' (44.8%) e 'Muitíssimo satisfeito' (47.1%).

Relativamente ao número de filhos de cada participante, salienta-se que os pais da amostra têm entre 1 e 4 filhos ($M = 1.91$; $DP = .60$), tendo a maior parte dos indivíduos dois filhos (67%). De referir ainda que 20 pais (21.3%) têm apenas uma criança e 10 (10.6%) têm três filhos, existindo um pai (1.1%) com quatro filhos.

No que diz respeito às crianças-alvo, como se referiu antes, a sua idade varia entre os 5 e os 10 anos ($M = 7.82$; $DP = 1.48$), sendo a maioria do sexo masculino (55.4%) (Quadro 5).

Quadro 4

Sexo da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%)

	Sexo da Criança	
	Masculino	Feminino
f	51	41
(%)	(55.4%)	(44.6%)

Nota. N= 92

A maioria dos pais da amostra vive com a criança-alvo, com exceção dos casos em que a criança vive com a mãe (5.4%) ou em que existe guarda partilhada (2.2%).

Relativamente à percepção sobre o grau de proximidade na relação com a criança-alvo ($N = 69$), avaliada, mais vez, com base numa questão com uma escala de 5 pontos, destaca-se que nenhum pai escolheu os níveis de resposta “Nada próximo” ou “Pouco próximo”, considerando-se a maioria ‘Muitíssimo próximo’ da criança (69%); as restantes escolhas distribuíram-se pelas categorias ‘Muito próximo’ (29%) e ‘Razoavelmente próximo’ (1.4%).

3.2 Instrumentos

3.2.1 Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Vinculação do Adulto foi avaliada através da Escala de Vinculação do Adulto de Canavarro (1997), versão portuguesa da *Adult Attachment Scale-R* de Collins e Read (1990). É composta por 18 itens, cada um com uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos (desde ‘Nada característico em mim’ a ‘Extremamente característico em mim’). A escala quantifica o tipo de vinculação predominante, organizando-se em três dimensões, com seis itens cada - Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros -, decorrendo os resultados para cada uma da soma dos itens correspondentes a cada dimensão. Canavarro, Dias e Lima (2006) descrevem as características inerentes às três dimensões: *Ansiedade* - refere-se ao grau de ansiedade que o indivíduo sente no que se refere a aspectos interpessoais de receio de rejeição e abandono; *Conforto com a Proximidade* - indica o grau em que o indivíduo se sente confortável perante a proximidade e a intimidade; *Confiança nos Outros* - remete para o grau de confiança que o indivíduo deposita nos outros. Valores mais altos indicam níveis mais elevados de cada dimensão.

Através de uma análise de clusters, é possível encontrar três grupos distintos, correspondentes aos da descrição teórica dos estilos de vinculação de Hazan e Shaver (1987):

Seguro, Evitante e Ansiosa/Ambivalente. A escala permite, ainda, explorar quatro protótipos de vinculação correspondentes aos de Bartholomew (1990), relacionando as subescalas Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros com a subescala Ansiedade (conforme se explicitará no ponto 4.1). Assim, são também identificáveis os estilos Seguro, Preocupado, Desligado e Amedrontado.

Relativamente aos indicadores de fiabilidade, o valor do coeficiente alfa de Cronbach para as subescalas Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros é .84, .67 e .54, respectivamente (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

3.2.2 Escala de Envolvimento Paterno (EEP)

A Escala de Envolvimento Paterno foi desenvolvida por Simões, Leal e Maroco (2010a, 2010b), com base em instrumentos internacionais, com o intuito de avaliar a frequência de situações específicas relacionadas com o funcionamento diário familiar e a regularidade com que o pai realiza tarefas variadas de cuidado e educação dos filhos. A escala integra vinte itens, dezanove dos quais têm associada uma escala de resposta de 5 pontos de tipo Likert (de ‘Sempre’ a ‘Nunca’) e estão distribuídos por quatro subescalas: Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina. Resultados mais elevados correspondem a uma percepção mais elevada de envolvimento paterno na dimensão específica. A soma dos resultados de cada subescala conduz a um resultado global de envolvimento paterno, o qual não foi usado no âmbito do presente estudo. Como se referiu, a escala tem um item adicional que remete para a percentagem de tempo que as diferentes figuras despendem com a criança, enquanto cuidadores (pai, cônjuge, outros familiares e professores/educadores). Contudo, a análise deste item não será apresentada neste estudo dado que um número elevado de participantes manifestou dificuldade em responder de acordo com a instrução respectiva.

Relativamente à consistência interna, o coeficiente alfa de Cronbach é .85 para a escala global; ao nível das subescalas os valores deste coeficiente são os seguintes: .75 para Cuidados, .86 para Disponibilidade e .65 para Presença e para Disciplina (Simões et al., 2010b).

3.2.3 Entrevista de Recolha de Dados

Neste estudo, e tal como se referiu antes, foi integrada informação decorrente de um conjunto de questões que fazem parte da Entrevista de Recolha de Dados desenvolvida em 2012 por Barrocas, Santos e Paixão no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica

(Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa) que está a ser realizado pelo primeiro autor.

A informação que foi contemplada no presente estudo diz respeito a dados sociodemográficos do pai (idade, nível de instrução, profissão, estado civil, número de filhos e se vive com a criança-alvo) e da criança (sexo e idade). Foi ainda recolhida informação sobre a percepção do pai relativamente à satisfação na relação com a companheira (questão com uma escala de tipo Likert de cinco pontos: 1 – ‘Nada satisfeito’; 2 – ‘Pouco satisfeito’; 3 – ‘Razoavelmente satisfeito’; 4 – ‘Muito satisfeito’; e 5 – ‘Muitíssimo satisfeito’) e ao grau de proximidade na relação com a criança-alvo (questão com uma escala de tipo Likert de 5 pontos: 1 – ‘Nada próximo’; 2 – ‘Pouco próximo’; 3 – ‘Razoavelmente próximo’; 4 – ‘Muito próximo’; e 5 – ‘Muitíssimo próximo’). Nestas questões a cotação é directa, pelo que resultados mais elevados indicam maior satisfação e maior proximidade, respectivamente.

3.3 Procedimento

Foram contactadas escolas públicas do 1º ciclo do Ensino Básico no distrito de Lisboa, com o intuito de se obter autorização para a recolha de amostra. O pedido foi estabelecido pessoalmente ou via email (Anexo), após o qual se agendava uma reunião para apresentação do estudo e explicação da colaboração pretendida. Nas escolas que aceitaram colaborar no estudo, o material relativo à investigação foi entregue aos professores de cada turma, com vista a ser entregue aos pais através das crianças. Este procedimento foi o acordado com os Directores das instituições uma vez que é baixo o número de pais que se disponibiliza a comparecer na escola. Desta forma, a recolha presencial foi realizada num número reduzido de casos.

O material entregue incluía um documento de apresentação do estudo aos pais, com as informações relevantes e necessárias à participação no mesmo: âmbito, finalidade, responsável pela investigação, carácter voluntário da participação, e anonimato e confidencialidade das respostas. Os pais que aceitaram participar, preencheram uma declaração de consentimento informado. Foi acordada uma data para a recolha do material preenchido, o qual foi entregue pelos pais aos professores, num envelope fechado (facultado previamente em conjunto com o restante material).

Uma parte da amostra foi ainda recolhida através do procedimento “bola de neve”, fora do contexto institucional. Neste caso, após se ter obtido o aval para a participação, o material foi entregue pessoalmente e devolvido em data previamente acordada, seguindo-se

todos os outros procedimentos usados para a recolha em contexto institucional, incluindo no que se refere ao consentimento informado.

Foi facultado um contacto de email a que os pais podiam recorrer para esclarecimento de eventuais dúvidas.

3.4 Procedimento Estatístico

A análise dos dados recolhidos foi realizada através do programa estatístico IBM SPSS Statistics 20 (Statistical Package for the Social Sciences).

Foi utilizada estatística descritiva, designadamente cálculo de frequências e percentagens, bem como determinação de médias e desvios-padrão, conforme o tipo de variáveis em estudo (ordinais e dicotómicas ou contínuas).

Recorreu-se ao teste t de Student a uma amostra para a comparação dos resultados obtidos com os das amostras do estudo dos instrumentos utilizados na pesquisa, considerando-se o valor médio alcançado nestes estudos, para cada dimensão, como o valor de referência respectivo. No estudo preditivo, utilizou-se a regressão linear múltipla com vista a analisar se a vinculação era um preditor do envolvimento paterno.

Por último, foram utilizadas técnicas estatísticas visando o estudo da relação linear entre variáveis. Assim, para testar o grau de associação entre variáveis foram usados o coeficiente de correlação de Pearson (na relação linear entre variáveis contínuas), o coeficiente de Spearman (na relação linear entre variáveis contínuas e variáveis ordinais), e o coeficiente de correlação bisserial por pontos (na relação linear entre variáveis contínuas e variáveis dicotómicas).

CAPÍTULO 4: Resultados

Em primeiro lugar, são caracterizadas as variáveis da Vinculação do Adulto (cuja referência aparece a seguir, por vezes, de forma abreviada com a designação “vinculação”), e do Envolvimento Paterno (ponto 4.1). Em seguida, é apresentado o estudo preditivo do Envolvimento Paterno com base na Vinculação (ponto 4.2). Por fim, é feita a análise da relação das dimensões em estudo (Vinculação e Envolvimento Paterno) quer com variáveis sociodemográficas referentes ao pai e à criança, quer com variáveis respeitantes à satisfação na relação com a companheira e à proximidade na relação com a criança (ponto 4.3).

4.1 Caracterização da Vinculação do Adulto e do Envolvimento Paterno

Neste ponto procede-se à caracterização do Envolvimento Paterno e da Vinculação do Adulto, comparando-se, primeiramente, os resultados médios obtidos com os das amostras do estudo dos instrumentos que avaliam a Vinculação do adulto (Canavarro, 1997) e o Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b). Face à Vinculação, apresenta-se ainda a distribuição dos participantes pelas quatro dimensões da vinculação propostas por Bartholomew (1990). No primeiro caso, utiliza-se o teste t de Student a uma amostra, considerando a média da amostra do estudo do instrumento, na dimensão respectiva, como o valor de referência (Quadro 5).

Quadro 5

Vinculação e Envolvimento Paterno – Comparação com as Amostras do Estudo dos Instrumentos

	Amostra do Presente Estudo		Amostra do Estudo dos Instrumentos			
	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Vinculação						
Ansiedade	2.04	.61	2.43	.74	-6.22	.000
Conforto com a Proximidade	3.42	.56	3.49	.58	-1.17	.244
Confiança nos Outros	3.29	.47	3.27	.53	.317	.725
Envolvimento Paterno						
Cuidados	3.88	.61	3.46	.54	6.67	.000
Disponibilidade	4.33	.82	4.30	.68	.332	.740
Presença	2.79	.96	2.75	.84	.431	.668
Disciplina	3.08	.51	3.05	.53	.536	.593

Verifica-se que, na comparação para ambos os instrumentos, as médias são próximas, ainda que na amostra em estudo tendam a ser um pouco mais elevadas para o Envolvimento Paterno e um pouco mais baixas para a Vinculação (com exceção da Confiança nos Outros, ligeiramente mais alta nesta amostra). A distância entre as médias é maior para as subescalas Ansiedade (Vinculação) e Cuidados (Envolvimento Paterno), com diferenças estatisticamente significativas, sendo a média da amostra do estudo dos instrumentos mais elevada no primeiro caso, e inferior no segundo.

Na linha do realizado por Canavarro, Dias e Lima (2006), foi utilizado o procedimento sugerido por Collins (1996) para a *Adult Attachment Scale*, visando a obtenção da distribuição dos indivíduos pelos estilos de vinculação propostos por Bartholomew (1990). Assim, foram calculados os valores médios das dimensões Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros e calculada a média do valor compósito das duas últimas dimensões mencionadas, criando uma nova variável – Conforto/Confiança. Os estilos são obtidos através da classificação dos participantes com base nos valores obtidos para Conforto/Confiança e para Ansiedade. A classificação é feita da seguinte forma: indivíduos *seguros* – valores superiores ao valor médio da escala (3) na dimensão Conforto/Confiança e valores inferiores ao valor médio na Ansiedade; indivíduos *desligados* – valores inferiores a 3 quer na dimensão Conforto/Confiança, quer na dimensão Ansiedade; indivíduos *preocupados* – valores superiores a 3 tanto na dimensão Conforto/Confiança, como na Ansiedade; indivíduos *amedrontados* – valores inferiores ao valor médio da escala na dimensão Conforto/Confiança e valores superiores ao valor médio na dimensão Ansiedade. Os participantes cujos valores obtidos não se diferenciam do valor médio da escala são caracterizados como “Não classificáveis”. No Quadro 6, é apresentada a classificação dos participantes da amostra, consoante os estilos de vinculação, seguindo o procedimento descrito.

Quadro 6

Distribuição dos Participantes pelos Estilos de Vinculação

Estilos de Vinculação (Bartholomew, 1990)	n	%
Seguro	69	73.4
Desligado	11	11.7
Preocupado	3	3.2
Amedrontado	2	2.1
Não classificáveis	9	9.6

Como é visível no Quadro 6, a grande maioria dos participantes enquadra-se no estilo de vinculação Seguro (73.4%); 9.6% dos participantes são considerados “não classificáveis”,

4.2 Predição do Envolvimento Paterno com Base na Vinculação do Adulto

No estudo preditivo realizado, utilizou-se uma análise de regressão múltipla (método “enter”). As variáveis preditoras são as dimensões da Vinculação – Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros – e a variável critério é cada uma das subescalas da Escala de Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) consideradas individualmente.

No que respeita aos valores de Durbin-Watson, eles encontram-se relativamente próximos de 2 em todos os casos (1.49 nos Cuidados, 2.25 na Disponibilidade, 1.95 na Presença e 2.04 na Disciplina), indicando que os resíduos são independentes. Os valores de VIF são iguais quando estão em causa as diferentes variáveis critério, nomeadamente, 1.19 para a dimensão Ansiedade, 1.11 para a dimensão Conforto com a Proximidade e 1.19 para a dimensão Confiança nos Outros, não existindo multicolinearidade entre as variáveis preditoras.

No Quadro 7 figuram os resultados relativos à predição das variáveis do Envolvimento Paterno com base na Vinculação.

Verifica-se que o modelo é significativo no caso em que a variável critério é a subescala Cuidados ($F(3.90) = 5.12, p = .003$). Contribui para a significância do modelo a Confiança nos Outros ($B = .49, \text{Beta} = .38, t = 3.59, p = .001$), tendo, também, a variável Ansiedade um contributo marginalmente significativo ($B = .20, \text{Beta} = .20, t = 1.86, p = .066$). Contudo, a percentagem da variância do modelo explicada por estas variáveis é baixa – 12%.

Quadro 7

Predição do Envolvimento Paterno com Base na Vinculação

Preditores	Envolvimento Paterno															
	Cuidados				Disponibilidade				Presença				Disciplina			
	B	β	t	p	B	β	T	p	B	β	t	p	B	β	t	p
Vinculação																
Ansiedade	.20	.20	1.86	.066	.12	.09	.75	.458	-.01	-.01	-.07	.948	.00	.01	.04	.967
Conforto com a Proximidade	.11	.10	1.01	.317	-.10	-.07	-.61	.543	-.07	-.06	-.52	.605	-.04	-.08	-.77	.446
Confiança nos Outros	.49	.38	3.53	.001	.01	.00	.03	.980	.16	.12	1.04	.299	-.05	-.09	-.80	.429
R	.38				.12				.12				.14			
R²_a	.12				-.02				-.02				-.01			
Modelo	F (3.90) = 5.12, p=.003				F (3.90) = .44, p=.72				F (3.90) = .44, p=.72				F (3.90) = .60, p=6.15			

4.3 Relação da Vinculação do Adulto e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas e com Variáveis Relacionais (Satisfação com a Companheira e Proximidade com a Criança)

Neste ponto começa por se analisar a relação entre cada dimensão em estudo (Vinculação e Envolvimento Paterno) com variáveis sociodemográficas do pai – idade, nível de instrução (categorizado de 1º Ciclo a Ensino Superior), situação laboral (desempregado/empregado), estado civil (casado ou não) e número de filhos – e com variáveis sociodemográficas da criança – sexo (feminino/masculino) e idade. Os resultados são apresentados nos Quadros 8 e 9, respectivamente.

Quadro 8

Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas do Pai

	Idade	Nível Instrução	Situação Laboral	Estado Civil	Número de Filhos
Vinculação					
Ansiedade	-.30**	.17	.03	.00	-.29**
Conforto com a Proximidade	.14	.16	.09	.06	-.03
Confiança nos Outros	.02	-.18	-.06	.04	.07
Envolvimento Paterno					
Cuidados	-.21	.04	-.04	.20 [†]	.07
Disponibilidade	-.24*	-.09	-.06	-.46***	-.10
Presença	.11	-.19 ^{††}	-.24*	.16	.12
Disciplina	-.24*	.08	-.10	-.02	-.04

* p<.05, ** p<.01, *** p<.001, [†].054, ^{††}.063

No Quadro 8 destaca-se que, relativamente à Vinculação, se obtêm correlações negativas significativas da Ansiedade com a idade do pai e com o número de filhos. Face ao Envolvimento Paterno, verifica-se que ocorrem correlações negativas da Disponibilidade com a idade e com o estado civil do pai (esta última de maior magnitude), da Presença com a situação laboral do pai e da Disciplina com a Idade do Pai. São ainda marginalmente significativas as correlações da subescala Cuidados com o Estado Civil (positiva) e da Presença com o Nível de Instrução (negativa).

Como se indicou antes, do Quadro 9 constam os resultados relativos às correlações que envolvem as variáveis sociodemográficas da criança (Idade e Sexo).

Quadro 9

Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com Variáveis Sociodemográficas da Criança

	Idade	Sexo
Vinculação		
Ansiedade	-.07	-.16
Conforto com a Proximidade	-.19 [†]	.05
Confiança nos Outros	.03	-.03
Envolvimento Paterno		
Cuidados	-.12	.06
Disponibilidade	.04	-.28**
Presença	.16	.02
Disciplina	.11	.26*

* p<.05, ** p<.01, [†].068

A leitura do Quadro 9 mostra que o Sexo da criança se correlaciona negativamente com a Disponibilidade e positivamente com a Disciplina. Observa-se ainda uma correlação marginalmente significativa (negativa) entre a subescala Conforto com a Proximidade e a Idade da criança.

No Quadro 10 apresentam-se os resultados referentes à correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com variáveis relacionais, em particular com a percepção da satisfação na relação com a companheira e com a percepção do grau de proximidade na relação com a criança (ver ponto 3.2.3)

Observa-se que a subescala Cuidados se correlaciona positivamente com a Satisfação (relação com companheira) e com a Proximidade (relação com a criança).

De referir, ainda, que os pais que identificam um nível mais elevado de satisfação na relação com a companheira classificam a relação com a criança como mais próxima (.35, p = .005).

Quadro 10

Correlação da Vinculação e do Envolvimento Paterno com a Satisfação na Relação com a Companheira e com a Proximidade na Relação com a Criança

	Satisfação (Relação Companheira)	Proximidade (Relação Criança)
Vinculação		
Ansiedade	-.01	-.02
Conforto com a Proximidade	-.18	.01
Confiança nos Outros	.02	.06
Envolvimento Paterno		
Cuidados	.31**	.26*
Disponibilidade	-.02	.20
Presença	.15	.18
Disciplina	.11	.01

* $p < .05$, ** $p < .01$

CAPÍTULO 5: Discussão

Serão, em seguida, discutidos os resultados obtidos neste estudo (apresentados no ponto anterior), os quais incidem na vinculação do adulto e no envolvimento paterno numa amostra de homens com filhos em idade escolar. Discutem-se os resultados de acordo com os objectivos e hipóteses que constam do ponto 2.

No que respeita à caracterização da vinculação e do envolvimento paterno (Objectivo 1), e começando pela primeira (Objectivo 1a), a comparação com os resultados da amostra do estudo do instrumento que a avalia (EVA, Canavarro, 1997) sugere que os participantes da presente amostra demonstram um grau de ansiedade significativamente mais baixo no que toca a questões interpessoais relacionadas com receio de ser abandonado ou de não ser gostado (subescala Ansiedade). Não houve distinção, contudo, no grau de conforto que sentem em relação à proximidade e à intimidade (subescala Conforto com a Proximidade) nem no grau de confiança que depositam nos outros e na disponibilidade que sentem por parte destes quando dela necessitam (subescala Confiança nos Outros).

A amostra subjacente ao estudo da Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1997) é de maior dimensão (434 participantes), foi recolhida em zonas do norte e centro do país, tendo os participantes uma dispersão etária mais alargada (18-63 anos face aos 25-55 anos da presente amostra). Tais disparidades poderão contribuir, pelo menos em parte, para a diferença de resultados encontrada. Esta diferença poder-se-á dever, ainda, ao facto das amostras não serem homogéneas quanto ao sexo dos participantes. Com efeito, 83.2% dos participantes da amostra da EVA (Canavarro, 1997) são do sexo feminino e da literatura ressalta a probabilidade da mulher ser mais ansiosa do que o homem (ADDA, 2013; Giudice, 2011), o que ajudaria a justificar os resultados encontrados.

Face à distribuição dos participantes pelos estilos de vinculação (seguro, desligado, preocupado e amedrontado), segundo o modelo de Bartholomew (1990), e na linha do tipo de caracterização realizado por Canavarro aquando do estudo do instrumento (Canavarro, Dias, & Lima, 2006), sobressai que a percentagem de participantes que se classifica como “Seguros” é um pouco superior na amostra do presente estudo (73.4% *versus* 64.3% na amostra do estudo do EVA). O resultado é concordante com os encontrados na literatura onde se capta que, independentemente dos modelos usados para classificar os estilos de vinculação (e.g., modelos com 3 dimensões, modelos com 4 dimensões), a maioria dos indivíduos se inscreve no estilo Seguro (e.g., Bartholomew & Horowitz, 1991; Campos, Barrett, Lamb, Goldsmith, & Stenberg, 1983; Canavarro et al., 2006; Collins & Read, 1990; Hazan &

Shaver, 1987; Howard, 2010). A percentagem de indivíduos distribuídos pelos restantes estilos de vinculação, no modelo com 4 dimensões, varia consoante os estudos (Boatwright, Lopez, Sauer, VanDerWege, & Huber, 2010; Laan, Van Assen, & Vingerhoets, 2012; Surcinelli, Rossi, Montebanocci, & Baldaro, 2010; Yusof & Carpenter, 2013), tendo sido, neste estudo, repartida na sequência Desligado (11.7%), Preocupado (3.2%) e Amedrontado (2.1%). Alguns dos participantes (9.6%) são “não classificáveis”, o que pode significar, como sugerido por Canavarro et al. (2006), que é limitado o número de perfis de vinculação para a descrição das diferenças individuais da vinculação do adulto.

No que diz respeito ao envolvimento paterno (Objectivo 1b), a comparação dos resultados obtidos com os da amostra do estudo do instrumento (EEP, Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b) não conduziu a diferenças significativas para as subescalas Disponibilidade, Presença e Disciplina. Contudo, obteve-se um resultado significativo face à subescala Cuidados, sugestivo de que os pais da presente amostra prestam cuidados à criança mais frequentemente. A discrepância encontrada não parece dever-se a diferenças entre as amostras relativamente a variáveis sociodemográficas básicas como a faixa etária, o nível de instrução, o estado civil ou a situação laboral, dado que ambas as amostras são semelhantes em todas estas características. É possível que a diferença ao nível dos cuidados tenha subjacente a influência de outros factores, relacionados, por exemplo, com os papéis de género, podendo dar-se o caso da distribuição das tarefas ser mais igualitária na amostra do presente estudo, designadamente no que se refere às tarefas de cuidado à criança.

Relativamente à predição do envolvimento paterno (variáveis Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina tratadas individualmente) com base na vinculação (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) – Objectivo 2 – os resultados mostram que os pais que participam mais activamente nos cuidados prestados à criança (Cuidados) depositam mais confiança nos outros (Confiança nos Outros), existindo ainda uma tendência para que pais com este tipo de participação receiem mais a rejeição e o abandono nas relações interpessoais (Ansiedade). Este resultado, aparentemente contraditório, poderá indiciar que os pais que participam mais nos cuidados têm características de vinculação distintas, podendo não ser estas as mais determinantes para a participação activa do pai nos cuidados e educação da criança. A reforçar este resultado está o facto de o contributo das dimensões da vinculação referidas, para o modelo de predição, ser baixo (12%), sugerindo, portanto, que outras variáveis poderão ter um contributo mais importante para a predição do envolvimento do pai com a criança. Também van IJzendoorn (1995) refere que a segurança da vinculação dos pais (quer do pai, quer da mãe) explica 12%

da variação da sua responsividade para com os filhos. A participação mais activa nos cuidados não significa que os pais os prestem da mesma maneira, nem que tenham o mesmo investimento ou relação com a criança, sugerindo a literatura que os pais com vinculação segura se sentem mais competentes no papel parental (Volling et al., 1998), são mais apoiantes (Crowell & Feldman, 1988) e realizam de forma mais organizada as tarefas parentais (Cohn et al., 1992, cit. por Mikulincer & Shaver, 2007). Por sua vez, os pais “inseguros” mostram-se menos confiantes na sua capacidade para se relacionarem com a criança (Rholes et al., 1995; Rholes et al., 1997), experienciando menos prazer e alegria na relação (Rholes, Simpson, & Friedman, 2006) e, nomeadamente no caso na vinculação ansiosa, surgem crenças contraditórias e ambivalentes quanto à parentalidade (Rholes et al., 1997), reportando os pais baixos níveis de eficácia no papel parental (Howard, 2010). Ainda assim, muito pouco se sabe sobre o sistema de cuidados no pai (George & Solomon, 2008), o que condiciona a discussão dos resultados obtidos.

Embora existam estudos que apontam para uma relação entre as representações de vinculação dos pais (pai e mãe) e a segurança da vinculação da criança aos progenitores (e.g., Madigan, Benoit, & Boucher, 2011; Main et al., 1985; van IJzendoorn, 1995) ou que associam os estilos de vinculação do adulto ao stress parental (Nygren et al., 2012; Vieira et al., 2012), não foram encontrados estudos que avaliem as dimensões contempladas neste trabalho através dos instrumentos utilizados. Howard (2010) faz a ligação entre a vinculação do pai e comportamentos paternos, usando, no entanto, o modelo de três dimensões de Hazan e Shaver (1987) – Seguro, Evitante e Ansioso/Ambivalente – que, segundo Crowell et al. (2008), não se tende a correlacionar com as diferentes medidas existentes para a vinculação do adulto.

A hipótese proposta para a relação entre a vinculação e o envolvimento paterno (Hipótese 1) foi confirmada.

No que concerne à relação das dimensões em estudo com variáveis sociodemográficas (Objectivo 3) do pai (idade, nível de instrução, situação laboral, estado civil e número de filhos) e da criança (idade e sexo), foram obtidos vários resultados estatisticamente significativos. Começando pela relação da vinculação com variáveis sociodemográficas do pai, sobressai que o nível mais alto de ansiedade se associa com o pai ser mais novo e com o menor número de filhos. Desta forma, na amostra, os pais que sentem mais receio de rejeição e abandono nas relações interpessoais são os mais novos e, possivelmente, na sequência da sua idade, os que têm menos filhos. Uma justificação possível para o resultado é que os pais que receiam a rejeição e o abandono terão mais dificuldade na

relação com a companheira e que, por hipótese, isso condicione a disponibilidade do casal para ter mais filhos.

Face à relação do envolvimento paterno com as variáveis sociodemográficas consideradas, destaca-se que os pais casados ou que vivem em união de facto se mostram mais disponíveis para a relação com a criança, havendo, no entanto, uma tendência para serem os não casados (divorciados/separados/solteiros/viúvo) a estarem mais investidos nos cuidados. O primeiro resultado vai na linha do referido por McClain e DeMaris (2013), os quais sugerem que os pais casados desenvolvem uma ligação triádica com a mãe e com a criança que pode influenciar níveis elevados de investimento na relação com a criança. Os autores referem que pais casados ou em coabitação se comprometem mais com a família, comparativamente com pais não casados ou não residentes. Apesar disso, e como se referiu, no presente estudo são os pais não casados que tendem a participar mais activamente nos cuidados prestados aos filhos. Este facto pode dever-se à necessidade de realização de tais tarefas, dado não viverem com as companheiras. Contudo, na literatura há resultados dissonantes, já que alguns autores mostram que os pais não casados e os pais não residentes apresentam um risco considerável de baixos níveis de envolvimento com a criança (Marsiglio et al., 2000; Stewart, 1999), existindo, no entanto, outros resultados que apontam para que estes pais se mantêm envolvidos (Mincy & Oliver, 2003; Stier & Tienda, 1993), o que seria consonante com o resultado obtido.

Quanto à relação com a idade do pai, verificou-se que os pais mais velhos mostram menor disponibilidade para a criança e estão menos envolvidos na disciplina. Estes resultados são consonantes com os encontrados no estudo de Monteiro et al. (2010) onde se verifica que quanto mais elevada é a idade do pai, menos este participa em actividades de cuidados indirectos à criança e na disciplina. Também McBride et al. (2004) referem que os pais mais velhos se envolvem menos nos cuidados indirectos. Na mesma linha, Perry, Harmon e Leeper (2012), com base numa amostra de pais afro-americanos, observam que os pais mais novos têm níveis mais elevados de envolvimento paterno.

No presente estudo verificou-se, ainda, que o facto de os pais estarem empregados se associa com uma menor presença paterna, existindo também uma tendência para que os pais com mais habilitações literárias estejam menos presentes na vida da criança. O horário laboral do pai pode ser influente, visto estar associado a uma menor participação paterna na vida da criança (Bonney, Kelley, & Levant, 1999; Crouter et al., 1987). Na presente amostra, o pai desempregado poderá ter mais tempo para estar com a criança, o que contribuirá para aumentar a sua presença. No que se refere ao nível de instrução, na literatura os resultados

são contraditórios já que alguns autores referem, por exemplo, que os pais brincam menos quando possuem habilitações mais baixas (Monteiro et al., 2006; Yeung et al., 2001), enquanto outros relatam que os pais que brincam menos têm um nível de instrução mais elevado (Monteiro et al., 2010). Monteiro et al. (2010) salientam que quanto mais elevado o nível de instrução do pai, maior o nível de cuidados indirectos prestados à criança. Ainda assim, uma maior presença na vida da criança não significa melhor qualidade da relação pai-filho (Easterbrooks & Goldberg, 1984; Grossman, Pollack, & Golding, 1988). Note-se que, na amostra do presente estudo, a grande maioria dos pais está empregada, havendo, portanto, pouca variabilidade nesta variável. A tendência será, pois, para que estejam menos presentes os pais que trabalham e os mais diferenciados do ponto de vista da instrução, sendo até possível que sejam estes os que têm empregos com níveis mais altos de exigência (em termos de tempo e de investimento).

No que diz respeito à relação das variáveis em estudo com características sociodemográficas da criança, verificou-se que há uma tendência para o Conforto com a Proximidade (vinculação) se associar com o facto de a criança ser mais nova, sendo, portanto, os pais destas crianças aqueles que experimentam maior à vontade com a proximidade e intimidade nas relações. O envolvimento paterno, por sua vez, não se associa com a idade da criança. Este último resultado é semelhante ao encontrado por Monteiro et al. (2010), contrariando, contudo, o obtido por autores como Bailey (2001) ou Pimenta et al. (2010), os quais referem que a participação paterna aumenta à medida que as crianças crescem. É possível que os resultados fossem diferentes se o nível etário das crianças-alvo da amostra estudada não fosse tão homogéneo. Quanto à relação com o sexo da criança, realça-se que os pais mostram maior disponibilidade para as filhas e estão mais envolvidos na disciplina dos filhos rapazes. Da literatura decorre que o envolvimento do pai é maior com os filhos do que com as filhas (Easterbrooks & Goldberg, 1984; Flouri & Buchanan, 2003; Grossman et al., 1988; Lamb, 1977), designadamente no que respeita aos cuidados prestados (Rouyer et al., 2007). Por sua vez, Monteiro et al. (2010) não encontraram diferenças significativas consoante o sexo da criança, excepto nas actividades de cuidados directos e brincadeira em que, em conformidade com os resultados anteriormente explicitados, existe maior participação do pai com os rapazes.

As hipóteses que estimavam uma associação da vinculação (Hipótese 2) e do envolvimento paterno (Hipótese 3) com variáveis sociodemográficas do pai e da criança são confirmadas.

Por fim, da análise da relação entre as dimensões em estudo e variáveis relacionais (Objectivo 4) decorre que quanto maior a satisfação na relação com a companheira e a proximidade na relação com a criança, mais o pai está envolvido nos cuidados à criança. O primeiro resultado é concordante com os encontrados na literatura (e.g., Fagan & Palkovitz, 2007; Jacobs & Kelley, 2006; NICHD, 2000; Rouyer et al., 2007; Simões et al., 2010b), os quais sugerem que a qualidade da relação marital determina fortemente o envolvimento paterno nos cuidados. Bonney, Kelley e Levant (1999), por exemplo, verificaram, especificamente, que quanto maior a satisfação marital, maior o número de tarefas praticadas pelo pai relativamente aos cuidados prestados à criança. Quanto à proximidade com a criança, Simões et al. (2010b), contrariamente aos resultados deste trabalho, mencionam que a satisfação associada à parentalidade não parece ser um forte determinante do envolvimento nos cuidados prestados à criança. Flouri e Buchanan (2003) verificaram que o envolvimento paterno se associa negativamente às dificuldades de temperamento da criança, sendo o pai mais participativo quando se relaciona melhor com esta. Este dado vai na linha do resultado agora obtido que associa a proximidade com a criança ao envolvimento do pai.

No presente estudo verificou-se, ainda, que os pais que identificam um nível mais elevado de satisfação na relação com a companheira classificam a relação com a criança como mais próxima. Este resultado é concordante com os relatados por Cabrera et al. (2004) e Carlson e McLanahan (2010) que mencionam um decréscimo no envolvimento pai-criança quando diminui a proximidade na relação pai-mãe. Contrariamente, Crouter et al. (1987) referem, em famílias com duplo rendimento, uma associação entre o maior envolvimento paterno e níveis baixos de amor, juntamente com o aumento de interações negativas com as esposas.

A hipótese proposta (Hipótese 4) de que a vinculação e o envolvimento paterno se relacionariam com a percepção paterna da satisfação na relação com a companheira e com a percepção da proximidade na relação com a criança é, assim, confirmada.

CAPÍTULO 6: Conclusão

São apresentadas, neste último ponto, as principais conclusões da investigação realizada, fazendo-se também uma referência às limitações do estudo, bem como a sugestões de pistas para futuras investigações.

O presente estudo centra-se na vinculação do adulto e no envolvimento paterno em homens com filhos em idade escolar (5-10 anos). A caracterização da amostra (Objectivo 1) permitiu verificar que os participantes tendem a não se distinguir dos que fazem parte das amostras do estudo dos instrumentos utilizados para avaliar a vinculação (EVA, Canavarro, 1997) e o envolvimento paterno (EEP, Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b), com excepção dos resultados relativos à subescala Ansiedade (vinculação) e à subescala Cuidados (envolvimento paterno). Os participantes deste estudo obtiveram resultados mais baixos na Ansiedade, demonstrando um menor receio de ser abandonado ou rejeitado nas relações interpessoais, e resultados mais elevados nos Cuidados, sugerindo um maior envolvimento nas tarefas de cuidados à criança. Conforme o expectável, a maioria dos participantes tem um estilo de vinculação seguro.

A vinculação revelou ter um contributo para o envolvimento paterno (Objectivo 2), ainda que este contributo seja baixo. Especificamente, a Confiança nos Outros constitui-se como um preditor dos Cuidados à criança (envolvimento paterno), tendo também a Ansiedade um contributo, ainda que este seja marginalmente significativo. Assim, pais que possuam confiança nos outros e na disponibilidade deles (quando é necessária), mostram-se mais participativos nas tarefas de cuidados à criança, existindo uma tendência para acontecer o mesmo com pais que sentem receio de abandono e de serem rejeitados, sugerindo que os pais mais envolvidos nos cuidados podem apresentar características de vinculação diferentes.

Domínios da vinculação e do envolvimento paterno relacionaram-se com variáveis sociodemográficas do pai e da criança (Objectivo 3). Destacou-se que os pais com um nível mais alto de ansiedade são mais novos e têm um menor número de filhos. Por sua vez, face ao envolvimento paterno, sobressaiu que os pais casados ou que vivem em união de facto e os pais mais novos são os que se mostram mais disponíveis para a relação com a criança, enquanto os pais que não são casados nem coabitam prestam mais cuidados à criança. Acresce que os pais desempregados estão mais presentes na vida dos filhos, existindo ainda uma tendência para os pais com níveis mais elevados de instrução terem uma menor presença. Por último, quanto mais elevada a idade do pai, menor o envolvimento na disciplina dos filhos. Relativamente às características da criança, sobressaiu que os pais das crianças

mais novas têm um nível mais elevado de Conforto com a Proximidade (vinculação) e que os pais estão mais disponíveis para as filhas, sendo, contudo, mais disciplinadores com os filhos (envolvimento paterno). Não foi encontrada nenhuma relação significativa entre o envolvimento paterno e a idade da criança.

A relação da vinculação e do envolvimento paterno com variáveis relacionais (Objectivo 4) demonstrou que há um maior investimento nos cuidados à criança quando o pai se sente mais satisfeito na relação com a companheira e quando refere maior proximidade na relação com a criança. Adicionalmente, os pais que identificam um nível mais elevado de satisfação na relação com a companheira também classificam a relação com a criança como mais próxima.

As quatro hipóteses delineadas nesta pesquisa (ponto 2.2) foram confirmadas.

No que respeita às limitações do estudo, o facto de se ter adoptado, na maioria dos casos, um procedimento de resposta não presencial pode ter impedido o esclarecimento de eventuais dúvidas. Contudo, foi fornecido um contacto de email com o intuito de se responder a questões ou dúvidas que surgissem, de modo a minimizar a ausência do investigador nos casos em que ela ocorreu. Uma limitação adicional prende-se com o facto de se ter recorrido apenas a instrumentos de auto-relato, para além de que, estudos futuros deverão contemplar instrumentos de hetero-avaliação, que permitam avaliar, por exemplo, a percepção da mãe sobre o envolvimento do pai.

Ainda assim, considera-se que o presente estudo representa um contributo válido para aumentar o conhecimento em duas áreas que continuam a carecer de investigação – a vinculação do adulto e o envolvimento paterno – e muito em particular para o estudo da sua relação, ainda por explorar, entendendo-se, assim, que o objectivo de contribuir para melhorar o conhecimento sobre a relação entre as duas dimensões foi cumprido.

Os resultados deste estudo permitem inferir que poderá ser útil, numa perspectiva de prevenção primária, o desenvolvimento de estratégias de sensibilização para a relação entre as representações de vinculação de cada pai e o envolvimento do mesmo na vida da criança, e reforçar, junto dos pais, a importância do seu papel no desenvolvimento dos filhos, implementando-se acções educativas que tomem também em consideração a potencial influência de variáveis quer sociodemográficas (do pai e da criança), quer da relação conjugal e da relação com a criança.

No seguimento do que foi acima mencionado, torna-se importante que se continue a desenvolver estudos que foquem as dimensões em causa, visando uma melhor compreensão da sua relação. Sugere-se que pesquisas futuras incidam em diferentes fases do

desenvolvimento da criança, de modo a analisar-se potenciais variações que ocorram em função destas fases, e que, como se sugeriu antes, contemplem outros informantes, designadamente a mãe da criança. Para além disso, terá pertinência estudarem-se outras dimensões, a par das agora focadas, designadamente a satisfação conjugal e a relação com a criança, as quais foram avaliadas neste estudo de um modo restrito e cuja avaliação extensiva, com instrumentos que as visem de uma forma específica, terá toda a relevância.

Referências

- ADAA (2013). Living and thriving: Women. *Anxiety and Depression Association of America*. Retirado de <http://www.adaa.org/living-with-anxiety/women>.
- Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716. doi: 10.1037/0003-066X.44.4.709
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 199-212.
- Amâncio, L., & Wall, K. (2004). *Famílias e papéis de gênero: Alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP)*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families, University of Pennsylvania*, 1-57.
- Bailey, W. T. (2001). A longitudinal study of fathers' involvement with young children: Infancy to age 5 years. *The Journal of Genetic Psychology*, 155(3), 331-339.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, XXII(2), 377-386.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment prespective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.226
- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: The role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12, 268-288. doi: 10.1037/0893-3200.12.2.268

- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project, I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three, and nine months. *Child Development*, 55(3), 692-705. doi: 10.1111/1467-8624.ep12422844
- Berlin, L. J., Cassidy, J., & Appleyard, K. (2008). The influence of early attachments on other relationships. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (2nd ed., pp. 333-347). New York: Guilford Press.
- Boatwright, K. J., Lopez, F. G., Sauer, E. M., VanDerWege, A., & Huber, D. M. (2010). The influence of adult attachment styles on workers' preferences for relational leadership behaviors. *The Psychologist-Manager Journal*, 13, 1-14. doi: 10.1080/10887150903316271
- Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of father's behavioural involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 401-415. doi: 10.1037/0893-3200.13.3.401
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock/Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books (Primeira edição 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science*, 11(4), 185-189. doi: 10.1080/10888690701762027
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., Vogel, C., Tamis-LeMonda, C., Ryan, R. M., Brooks-Gunn, J., Raikes, H., & Cohen, R. (2004). Low-income fathers' involvement in their toddlers' lives: Biological fathers from the Early Head Start Research and Evaluation Study. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men as Fathers*, 2(1), 5-30.

- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). *Measuring father involvement in the early head start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Washington: National Conference on Health Statistics.
- Campos, J. J., Barrett, K., Lamb, M. E., Goldsmith, H. H., & Stenberg, C. (1983). Socioemocional development. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 2. Infancy and developmental psychobiology* (pp. 783-915). New York: Wiley.
- Canavarro, M. C. (1997). *Relações afetivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental*. Dissertação de doutoramento em Psicologia Clínica apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação no adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Carlson, M. S., & McLanahan, S. (2010). Fathers in fragile families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 241-269). New York: Wiley & Sons.
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (2nd ed., pp. 3-22). New York: Guilford Press.
- Censos (2011). Resultados definitivos: Portugal. *Instituto Nacional de Estatística*. Retirado de http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao.
- Coley, R. L., & Chase-Lansdale, P. L. (1999). Stability and change in paternal involvement among urban African American fathers. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 416-435. doi: 10.1037/0893-3200.13.3.416
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832. doi: 10.1037/0022-3514.71.4.810
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi: 10.1037/0022-3514.58.4.644

- Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment: New developments and emerging themes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 196-237). New York: Guilford Press.
- Cook, J. L., Jones, R. M., Dick, A. J., & Singh, A. (2005). Revisiting men's role in father involvement: The importance of personal expectations. *Fathering*, 3(2), 165-178.
- Cox, M., Owen, M., Handerson, V., & Margand, N. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28, 474-483. doi: 10.1037/0012-1649.28.3.474
- Crouter, A. C., Perry-Jenkins, M., Huston, T. L., & McHale, S. M. (1987). Processes underlying father involvement in dual-earner and single-earner families. *Developmental Psychology*, 23, 431-440. doi: 10.1037/0012-1649.23.3.431
- Crowell, J. A., & Feldman, S. (1988). Mother's internal models of relationships and children's behavioral and developmental status: A study of mother-child interaction. *Child Development*, 59, 1273-1285. doi: 10.1111/1467-8624.ep8589361
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 599-634). New York: Guilford Press.
- Davila, J., & Cobb, R. J. (2004). Predictors of change in attachment security during adulthood. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 133-156). New York: Guilford Press.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). Father's care: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Retirado de <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/litrev.htm>.
- Day, R. D., & Lamb, M. E. (2004). Conceptualizing and measuring father involvement: Pathways, problems and progress. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 1-15). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Ehrenberg, M. F., Gearing-Small, M., Hunter, M. A., & Small, B. J. (2001). Childcare task division and shared parenting attitudes in dual-earner families with young children. *Family Relations*, 50(2), 143-153.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, 55, 740-752. doi: 10.1111/1467-8624.ep12423577

- Fagan, J., & Palkovitz, R. (2007). Unmarried, nonresident fathers' involvement with their infants: A risk and resilience perspective. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 479-489. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.479
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2009). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 121-158). Braga: Psiquilibrios.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2004). Interpersonal safe haven and secure base caregiving processes in adulthood. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: theory, research and clinical implications* (pp. 300-338). New York: Guilford Press.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). What predicts father's involvement with their children? A prospective study in intact families. *British Journal of Developmental Psychology*, 21, 81-98.
- Fraley, R. C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modelling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology*, 6, 123-151.
- Fraley, R. C., Roisman, G., Booth-LaForce, C., Owen, M. T., & Holland, A. S. (2013). Interpersonal and genetic origins of adult attachment styles: A longitudinal study from infancy to early adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(5), 817-838. doi: 10.1037/a0031435
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: Guilford Press.
- Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(2), 193-214.
- Gomez, R. M. (2005). O pai: Paternidade em transição. In I. Leal (Ed.), *A psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-278). Lisboa: Fim de século.
- Grolnick, W. S., Benjet, C., Kurowski, C. O., & Apostoleris, N. H. (1997). Predictors of parent involvement in children's schooling. *Journal of Educational Psychology*, 89(3), 538-548. doi: 10.1037/0022-0663.89.3.538
- Grossman, F. K., Pollack, W. S., & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology*, 24, 82-91. doi: 10.1037/0012-1649.24.1.82
- Guedeney, N. (2004). Conceitos-chave da teoria da vinculação. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 33-43). Lisboa: Climepsi.

- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–24. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.511
- Herzog, J. M., Goldberg, W. A., Michaels, B. Y., & Lamb, M. E. (1985). Husbands' and wives' adjustment to pregnancy and first parenthood. *Journal of Family Issues*, 6(4), 483-503. doi: 10.1177/019251385006004005
- Hesse, E. (2008). The adult attachment interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (2nd ed., pp. 395-433). New York: Guilford Press.
- Hofferth, S. (2003). Race/ethnic differences in father involvement in two-parent families: Culture, contexts, or economy? *Journal of Family Issues*, 24(2), 185-216. doi: 10.1177/0192513X02250087
- Holmes, J. (1995). Something there is that doesn't love a wall: John Bowlby, attachment theory, and psychoanalysis. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental and clinical perspectives* (pp. 19-43). Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Howard, K. S. (2010). Paternal attachment, parenting beliefs and children's attachment. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 157-171.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010* (versão 2011). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earned families with young children. *Fathering*, 4(1), 23-47.
- Kobak, R. (1994). Adult attachment: A personality or a relationship construct. *Psychological Inquiry*, 5(1), 42-44.
- Laan, A. J., Van Assen, M. A., & Vingerhoets, A. J. (2012). Individual differences in adult crying: The role of attachment styles. *Social Behavior and Personality*, 40(3), 453-472.
- Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interactions in the first year of life. *Child Development*, 48, 167-181. doi: 10.1111/1467-8624.ep10439305
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, X(1), 19-34.
- Lamb, M. E. (1996, April). *What are fathers for?* Paper presented at the IPPR Conference "Men and their children", London.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29(2/3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02_03

- Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 1-26). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Levy-Shiff, R., & Israelashlivi, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, 24(3), 434-440. doi: 10.1037/0012-1649.24.3.434
- Liebman, S. J., & Abell, S. C. (2000). The forgotten parent no more: A psychoanalytic reconsideration of fatherhood. *Psychoanalytic Psychology*, 17(1), 88-105. doi: 10.1037/0736-9735.17.1.88
- Madigan, S., Benoit, D., & Boucher, C. (2011). Exploration of the links among fathers' unresolved states of mind with respect to attachment, atypical paternal behavior, and disorganized infant-father attachment. *Infant Mental Health Journal*, 32(3), 286-304. doi: 10.1002/imhj.20297
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66-104. doi: 10.1111/1540-5834.ep11889989
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention*. Chicago: University of Chicago Press.
- Marsiglio, W. (1991). Paternal engagement activities with minor children. *Journal of Marriage and the Family*, 53(4), 973-986.
- Marsiglio, W., Amato, P., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1173-1191.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54(3), 360-372. doi: 10.1111/j.1741-3729.2005.00323.x
- McBride, B., Schoppe, S. J., Ho, M., & Rane, T. R. (2004). Multiple determinants of father involvement: An exploratory analysis using the PSID-CDS Data Set. In R. Randal &

- M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 321-340). Hillsdale, NJ: LEA.
- McClain, L. R., & DeMaris, A. (2013). A better deal for cohabiting fathers? Union status differences in father involvement. *Fathering, 11*(2), 199-220. doi: 10.3149/fth.1102.199
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2001). Attachment theory and intergroup bias: Evidence that priming the secure base schema attenuates negative reactions to out-groups. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*, 97-115. doi: 10.1037/0022-3514.81.1.97
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2003). The attachment behavioral system in adulthood: Activation, psychodynamics, and interpersonal processes. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (35, pp. 53-152). San Diego, CA: Academic Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations in adulthood: Contents and processes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics and change*. New York: Guilford Press.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 45-53). Lisboa: Climepsi.
- Mincy, R. B., & Oliver, H. (2003). *Age, race, and children's living arrangements: Implications for TANF reauthorization*. Washington, DC: The Urban Institute Press.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares: Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia, 44*(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha de responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica, 42*, 213-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica, 3*, 395-409.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A., & Bost, K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment and Human Development, 10*(2), 189-206. doi: 10.1080/14616730802113711

- NICHD Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 200-219. doi: 10.1037//0893-3200.14.2.200
- Nord, C., Brimhall, D. A., & West, J. (1997). *Fathers' involvement in their children's schools*. Washington, DC: Office of Educational Research and Improvement, U.S. Department of Education.
- Nygren, M., Carstensen, J., Ludvigsson, J., & Frostell, A. S. (2012). Adult attachment and parenting stress among parents of toddlers. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 30(3), 289-302. doi: 10.1080/02646838.2012.717264
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2002). *Involved fathering and men's adult development: Provisional balances*. London: Erlbaum.
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Developmental Science*, 11(4), 190-195. doi: 10.1080/10888690701762050
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219. doi: 10.1159/000078723
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood: The developing child*. Harvard University Press.
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In Marc H. Bornstein (Eds.), *The handbook of parenting: Vol. 3. Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp. 27-73). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Perry, A. R., Harmon, D. K., & Leeper, J. (2012). Resident black fathers' involvement: A comparative analysis of married and unwed, cohabitating fathers. *Journal of Family Issues*, 33(6), 695-714. Doi: 10.1177/0192513X11428125
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4 (XXVIII), 565-580.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3th ed., pp. 66-103). New York: Wiley.

- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child out-comes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). New York: Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. (2012). Integrating father involvement in parenting research. *Parenting: Science and Practice*, 12(2-3), 243-253. doi: 10.1080/15295192.2012.683365
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In A. E. Gottfried & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp. 11-54). New York: Plenum Press.
- Rholes, W. S., & Simpson, J. A. (2004). Attachment theory: Basic concepts and contemporary questions. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: theory, research and clinical implications* (pp. 3-14). New York: Guilford Press.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Blakely, B. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2(1), 35-54. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Friedman, M. (2006). Avoidant attachment and the experience of parenting. *Society of Personality and Social Psychology*, 32(3), 275-285. doi: 10.1177/0146167205280910
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Blakely, B. S., Lanigan, L., & Allen, E. A. (1997). Adult attachment styles, the desire to have children, and working models of parenthood. *Journal of Personality*, 65, 357-385. doi: 10.1111/j.1467-6494.1887.tb00958.x
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Campbell, L., & Grich, J. (2001). Adult attachment and the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 421-435. doi: 10.1037//0022-3514.81.3.421
- Ricks, M. (1985). The social transmission of parental behaviour: Attachment across generations. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial No. 209), 211-230.
- Roggman, L. (2004). Do fathers just want to have fun? *Human Development*, 47, 228-236. doi: 10.1159/000078725
- Rouyer, V., Frascarolo, F., Zaouche-Gaudron, C., & Lavanchy, C. (2007). Fathers of girls, fathers of boys: Influence of child's gender on father's experience of engagement in, and representations of paternity. *Swiss Journal of Psychology*, 66(4), 225-233. doi: 10.1024/1421-0185.66.4.225

- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability on adult attachment patterns. *Personal Relationships, 1*, 23-43. doi: 10.1111/j.1475-6811.1994.tb00053.x
- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology, 22*(3), 389-398. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.389
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: Resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality, 39*, 22-45. doi: 10.1016/j.jrp.2004.09.002
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*, 561-573. doi: 10.1590/S0103-166X2007000400015
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). *Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010b). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças, 11*, 339-356.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., Campbell, L., Tran, S., & Wilson, C. L. (2003). Adult attachment, the transition to parenthood, and depressive symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology, 84*(6), 1172-1187. doi: 10.1037/0022-3514.84.6.1172
- Soares, I. (2009). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilibrios.
- Soares, I., Martins, E. C., & Tereno, S. (2009). Vinculação na infância. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 47-98). Braga: Psiquilibrios.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment and Human Development, 7*, 349-367. doi: 10.1080/14616730500365928
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development, 48*, 1184-1199. doi: 10.1111/1467-8624.ep10398712
- Stewart, S. D. (1999). Nonresident mothers' and fathers' social contact with children. *Journal of Marriage and the Family, 61*, 894-907.

- Stier, H., & Tienda, M. (1993). Are men marginal to the family? Insights from Chicago's inner city. In J. C. Hood (Ed.), *Men, work, and family* (pp. 23-44). Newbury Park, CA: Sage.
- Surcinelli, P., Rossi, N., Montebanocci, O., & Baldaro, B. (2010). Adult attachment styles and psychological disease: Examining the mediating role of personality traits. *The Journal of Psychology, 144*(6), 523-534.
- Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing father's role: Playmates and more. *Human Development, 47*, 220-227. doi: 10.1159/000078724
- Tamis-LeMonda, C. S., Kahana-Kalman, R., & Yoshikawa, H. (2009). Father involvement in immigrant and ethnically diverse families from the prenatal period to the second year: Prediction and mediating mechanisms. *Sex Roles, 60*, 496-509. doi: 10.1007/s11199-009-9593-9
- Tamis-LeMonda, C. S., & McFadden, K. E. (2010). Fathers from low-income backgrounds: Myths and evidence. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 296-318). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Turcotte, G., Dubeau, D., Bolté, C., & Paquette, D. (2001). Pourquoi certains pères sont-ils plus engagés que d'autres auprès de leurs enfants? Une revue des déterminants de l'engagement paternel. *Revue canadienne de psychoéducation, 30*, 1, 39-65.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the adult attachment interview. *Psychological Bulletin, 117*, 387-403. doi: 10.1037/0033-2909.117.3.387
- Vieira, J. M., Ávila, M., & Matos, P. M. (2012). Attachment and parenting: The mediating role of work-family balance in Portuguese parents of preschool children. *Family Relations, 61*(1), 31-50. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x
- Volling, B. L., Notaro, P. C., & Larsen, J. J. (1998). Adult attachment styles: Relations with emotional well-being, marriage, and parenting. *Family Relations, 47*(4), 355-367. doi: 10.2307/585266
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage & the Family, 63*(1), 136-154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x

Yusof, Y., & Carpenter, J. S. (2013). A survey of family therapists' adult attachment styles in the United Kingdom. *Contemporary Family Therapy*, 35, 452-464.

ANEXO

Email Enviado ao Agrupamento de Escolas

Exmo.(a) Sr.(a) Director(a) da Escola Básica do 1º ciclo de

No âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa está a ser realizado um estudo, dirigido para a paternidade, da responsabilidade do psicólogo João Barrocas (o qual conta com a supervisão científica da Prof.^a Doutora Salomé Vieira Santos, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e do Prof. Doutor Rui Paixão, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). Estão associados a este estudo cinco Mestrados (todos com a supervisão científica da Prof.^a Doutora Salomé Vieira Santos).

Enquanto Mestranda a participar no referido estudo, venho averiguar da possibilidade de efectuar a recolha de dados na instituição que V. Exc.^a dirige.

Com vista a facultar informação sobre a pesquisa e a explicitar o tipo de colaboração solicitada, gostaria de saber da V. disponibilidade para agendarmos uma reunião para o efeito.

Agradeço desde já a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Rafaela Rosa – rafaelarosa@gmail.com

(Mestranda, Mestrado Integrado em Psicologia -

Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa)